

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO (UEMA)

CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS (CCSA)

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CARTOGRAFIA SOCIAL E POLÍTICA

DA AMAZÔNIA (PPGCSPA)

ALESSÂNIA SILVA DE LUCENA CARNEIRO

***“EU NÃO TROCO A MATA POR LUGAR NENHUM”*: Percepções
sobre as mudanças de um bairro rural de São José de Ribamar**

SÃO LUÍS (MA)

2021

ALESSÂNIA SILVA DE LUCENA CARNEIRO

***“EU NÃO TROCO A MATA POR LUGAR NENHUM”*: Percepções
sobre as mudanças de um bairro rural de São José de Ribamar**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Cartografia Social e Política da Amazônia-PPGCSPA/Centro de Ciências Sociais e Aplicadas da Universidade Estadual do Maranhão UEMA, sob orientação de Karina Biondi como requisito para obtenção do título de Mestre.

SÃO LUÍS (MA)

2021

Carneiro, Alessânia Silva de Lucena.

“Eu não troco a mata por lugar nenhum”: percepções sobre as mudanças de um bairro rural de São José de Ribamar / Alessânia Silva de Lucena Carneiro. – São Luís, 2021.

114. f

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Cartografia Social e Política da Amazônia, Universidade Estadual do Maranhão, 2021.

Orientadora: Profa. Dra. Karina Biondi.

1.Agricultura familiar. 2.Bairro rural. 3.Percepções. 4.Urbanização.
I.Título.

CDU: 316.334.55(812.1)

ALESSÂNIA SILVA DE LUCENA CARNEIRO

***“EU NÃO TROCO A MATA POR LUGAR NENHUM”*: Percepções
sobre as mudanças de um bairro rural de São José de Ribamar**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Cartografia Social e Política da Amazônia-PPGCSPA/Centro de Ciências Sociais e Aplicadas da Universidade Estadual do Maranhão UEMA, sob orientação de Karina Biondi como requisito para obtenção do título de Mestre.

Aprovada em: ____ / 12 / 2021.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Karina Biondi (Orientadora)

Profa. Dra. Isanda Maria Falcão Canjão (Examinadora Externa)

Prof. Dr. Greilson José de Lima (Examinador Interno)

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Deus por minha vida e saúde mesmo diante desses tempos difíceis de pandemia mundial e por me proporcionar concluir este trabalho e realizar meu sonho de concluir um Mestrado.

Agradeço aos meus pais, Joana e Isael Lucena pelo investimento na minha vida acadêmica desde a juventude, sempre me cobrando muito e me mostrando que eu era capaz de ir além sempre. Minha mãe, por tantas conversas e apoio emocional quando as dificuldades se fizeram presentes.

Estendo meus agradecimentos a toda a minha família materna que sempre me apoiaram e exaltaram-me como exemplo de perseverança.

Meu agradecimento especial e póstumo ao meu avô Bento que contribuiu imensamente com minha pesquisa, tudo aqui me remete a Ele. Meu avô foi agricultor por toda sua vida e era um homem muito sábio, honesto, justo. Um avô amoroso, carinhoso e incentivador de meus estudos. Infelizmente não pude comemorar com Ele mais esta conquista como eu sempre fazia.

Bento da Silva, meu amado avô, faleceu dia 02 de dezembro de 2021 e toda sua bondade, compreensão e paciência me ajudou a escrever este trabalho, o que me conforta saber que suas palavras estão salvas aqui para outros leitores e na minha memória para todo o sempre (Te amo vô Bento).

Agradeço minha avó Francisca, mulher forte, criou 8 filhos trabalhando na roça, mãe zelosa, amorosa e esposa dedicada. Avó amiga e companheira que muito me ajudou neste trabalho com todo seu conhecimento de vida, suas experiências sempre me

inspiraram, incentivadora dos estudos de todos os netos mesmo sabendo apenas assinar seu nome sua sabedoria saltava aos olhos de quem com ela convive.

Agradeço ao meu esposo Ricardo Carneiro que sempre acreditou no meu potencial e sempre teve muito orgulho da minha trajetória acadêmica, proporcionou junto com meu irmão Isael Filho momentos de descontração neste percurso de Mestrado.

Agradeço a minha orientadora Karina Biondi por compreender o rumo que eu gostaria de dar a este trabalho, conseguiu com leveza me conduzir ao melhor caminho para obter os resultados que eu desejava. Orientadora e amiga que muito me confortou em momentos difíceis me incentivou para a conclusão desta pesquisa.

Agradeço aos professores Greilson Lima e Isanda Canjão pelas contribuições em meu exame de qualificação, pois seus apontamentos foram valiosos para o aprimoramento deste trabalho e obrigada por aceitarem compor minha banca de defesa.

Agradeço aos meus conterrâneos e familiares que se dispuseram a contribuir com este trabalho: Abdon, Aknayara, Ana Lúcia, Coca, Claudete, Fracineide, Lourimar, Neguinho, Wellington (Preto), Welison e aos colaboradores que preferiram o anonimato também.

Agradeço a todos os professores do PPGCSPA que abriram um mundo de oportunidades nas Ciências Sociais para uma bióloga que buscava novos desafios.

A FAPEMA, pela concessão da bolsa de estudo, essencial contribuição financeira que permitiu a realização dessa pesquisa.

RESUMO

Este trabalho tem a finalidade de mostrar uma reflexão sobre o processo de modernização e urbanização no Bairro Mata, intimamente relacionado com o declínio da agricultura familiar como atividade econômica. O local da minha pesquisa é o Bairro Mata, localizada em uma área rural nas proximidades de São Luís, capital do Maranhão, e o objeto de estudo são agricultores familiares locais. Realizei uma etnografia, onde descrevi o bairro, os matenses e a interação entre eles. Busquei, enquanto matense e autora, realizar reflexões sobre minha inserção no campo e expor os prós e contras de minha posição acadêmica e social dentro do bairro. Esta pesquisa contou com a colaboração de agricultores atuantes e aposentados da Mata, além de seus familiares. Pude acessar alguns pontos de vista diferentes sobre a prática da agricultura familiar local, sobre o processo de urbanização do bairro, acessei informações, opiniões sobre agricultura familiar e sobre educação como ferramenta de ascensão social e prosperidade financeira em ambos os casos. Através dos variados discursos citados ao longo deste trabalho, as percepções diversas se fizeram presentes e, assim, pude desvendar novos pontos de vista antes não percebidos por mim. Através de histórias de vida que expuseram a mim, procurei tecer reflexões sobre tais transformações ambientais, econômicas e sociais, relacionando-as com a agricultura familiar.

Palavras-Chave: Agricultura familiar; bairro rural; percepções; urbanização.

ABSTRACT

This work aims to show a reflection on the modernization and urbanization process in Bairro Mata, closely related to the decline of family farming as an economic activity. The place of my research is Bairro Mata, located in a rural area near the capital São Luís and the object of study are local family farmers. I carried out an ethnography, where I described the neighborhood, the Matenses and the interaction between them. As a matense and author, I sought reflections on my insertion in the field and exposed the pros and cons of my academic and social position within the neighborhood. This research had the collaboration of active and retired farmers from Mata, in addition to their families. I was able to access some different points of view about the practice of local family farming, about the neighborhood's urbanization process, I accessed information, opinions about family farming and about education as a tool for social mobility and financial prosperity in both cases. Through the various speeches cited throughout this work, different perceptions were present and thus I was able to unveil new points of view that were previously hidden for not knowing them. Through life stories that they exposed to me, I tried to expose reflections on such environmental, economic and social transformations, relating them to family farming.

Key words: Family farming; rural neighborhood; perceptions; urbanization

LISTA DE FIGURAS

Figura 01	Localização do Bairro Mata	12
Figura 02	Rio Santo Antônio no bairro Mata, assoreado e poluído.....	15
Figura 03	Meus avós Bento e Francisca.....	26
Figura 04	Joana e Isael Lucena.....	31
Figura 05	Fotografia de Joana em seu quintal (A e B).....	32
Figura 06	Bumba meu Boi Renovador de Mata Grande.....	39
Figura 07	Mapa do município.....	40
Figura 08	Cemitério da comunidade da Mata Jardim Venâncio.....	41
Figura 09	Campo do Pedrinho alagado nas chuvas de inverno de 2021.....	42
Figura 10	Rua nova nas proximidades da Avenida Trindade.....	43
Figura 11	Unidade Básica de Saúde da Mata.....	46
Figura 12	Praça Santo Antônio.....	47
Figura 13	Sede da Associação folclórica Bumba-meu-boi Renovador da Mata Grande.....	49
Figura 14	Igreja Católica em festa preparada para procissão do Santo Antônio.....	56
Figura 15	Panfleto do festejo da Igreja Católica de Santo Antônio.....	57
Figura 16	Meninas que faziam cordão de isolamento na morte do boi da Mata.....	61
Figura 17	Time do Duguay na década de 1980.....	63

Figura 18	Crianças à beira do campo do Duguay enquanto o time joga ao fundo na década de 1990.....	64
Figura 19	Jogo do campeonato de segunda-feira.....	65
Figura 20	Derrubada de barracos e desocupação de terreno no bairro da Mata.....	74
Figura 21	Professora aposentada Ana Lúcia, filha de Chica e Bento da Silva.....	94
Figura 22	Quadro de produtores rurais da Mata.....	98
Figura 23	Aknayara e suas mudas.....	101

LISTA DE SIGLAS

GIAGeo	Grupo de Informática Aplicada e Geoprocessamento
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IFMA	Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Maranhão
FAPEMA	Fundação de Amparo a pesquisa Ciência e Tecnologia do Maranhão
UEMA	Universidade Estadual do Maranhão
PAA	Programa de Aquisição de Alimentos
PNAE	Programa Nacional de Alimentação Escolar
CEE	Conselho Estadual de Educação
CME	Conselho Municipal de Educação
CEGEL	Complexo Educacional Governador Edson Lobão

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
Referenciais teóricos e metodológicos.....	8
Escopo e estrutura da dissertação	25
CAPÍTULO 1 - A MATA	27
Sociabilidade Matense	41
CAPÍTULO 2 - URBANIZAÇÃO.....	56
Ocupação de terras da Mata	58
“A Mata tá desenvolvendo”	65
CAPÍTULO 3 - AGRICULTURA FAMILIAR.....	73
Agricultura na Mata	75
Estudar pra não ter que pegar na enxada	79
Associação de agricultores.....	86
CONSIDERAÇÕES FINAIS	93
REFERÊNCIAS	96

trabalho de campo, que compreende conversas com os moradores do bairro, observações de atividades públicas e privadas, além de alguns registros fotográficos. Esse material, como veremos ao longo deste trabalho, trouxe muitas reflexões e redirecionamentos na pesquisa bibliográfica e nos diálogos teóricos e metodológicos que constituíram o resultado desta pesquisa.

A região metropolitana de São Luís, ou Microrregião Aglomeração Urbana de São Luís (IBGE, 2019), é composta por quatro municípios, dentre eles, a capital, São Luís, Paço do Lumiar, Raposa e São José de Ribamar. A área do município de São José de Ribamar é de 180,233 km² e possui 103 bairros e/ou localidades e uma população estimada de 177.687 pessoas. O município foi fundado em 24 de setembro de 1952, em decorrência de sua emancipação do município de São Luís. Mas esse não foi o primeiro processo de emancipação do município. O texto da lei detalha as datas de modificações que sofreu:

Em 2 de julho de 1757, o então Governador Gonçalo Pereira Lobato e Souza, de acordo com o Alvará com força de lei, datado de 07/06/1755, elevou a aldeia à categoria de “Lugar” e deu a liberdade aos índios Gamela que a habitavam. A aldeia estava localizada dentro das terras que haviam sido doadas aos jesuítas, em 1627, pelo Governador Francisco Coelho de Carvalho[...] A Lei Estadual nº 636 de 11 de março de 1913 elevou o Lugar à categoria de Vila e criou o município de Ribamar. Em 27 de fevereiro de 1931, o Decreto-Lei nº 47 extinguiu o município e manteve a categoria de Vila. A 6 de dezembro de 1938, pelo Decreto-Lei Estadual nº 159 passou à condição de Distrito de São Luís. No ano de 1943 o Decreto-Lei Estadual nº 820, de 30 de dezembro criou o município de Ribamar com um único distrito. Por ato das Disposições Constitucionais Territoriais do Estado, promulgado em 28 de julho de 1947, o município foi novamente extinto voltando seu território a integrar o do município de São Luís. A Lei nº 269 de 31 de dezembro de 1948, que estabeleceu a divisão administrativa do Estado, reafirmou a condição de Distrito de São Luís. Finalmente a Lei nº 758, de 24 de setembro de 1952 devolve a Ribamar a condição de município e a Lei nº 2890 de 16 de setembro de 1969, retifica a sua denominação para São José de Ribamar (**LEI Nº 1021, 2013**).

De acordo com o zoneamento do perímetro urbano da prefeitura de São José de Ribamar, a Mata é um povoado da zona rural, conforme informação retirada do mapa disponível no site oficial da prefeitura ribamarense, constituído por cerca de 150 residências¹.

A escolha do local de pesquisa tem um envolvimento emocional muito forte: sou nascida e criada no bairro Mata com família materna matense e família paterna advindos do município maranhense de Pedreiras. Sempre tive interesse em aprofundar meus conhecimentos sobre meu bairro mas, principalmente em função da escassez de material bibliográfico sobre ele, verifiquei que era também necessário produzir esses conhecimentos.

Foi isso que eu procurei fazer ao longo de minha graduação em Licenciatura em Biologia pelo IFMA (Instituto Federal do Maranhão). Durante minha vida acadêmica, atuei como pesquisadora do GIAGeo (Grupo de informática aplicada e geoprocessamento) e fui bolsista da FAPEMA (Fundação de Amparo a Pesquisa do Maranhão) por dois anos, trabalhando sempre com a temática meio ambiente. O meu trabalho de conclusão de curso da Biologia foi extremamente importante para impulsionar meu desejo de pesquisar o bairro Mata.

A monografia apresentada como trabalho de conclusão de curso foi defendida no ano de 2018 e teve como título “Análise multitemporal do uso e cobertura do solo na bacia do Rio Santo Antônio na Ilha do Maranhão com dados de sensoriamento remoto”. A pesquisa realizada naquele momento detectou uma supressão vegetal e ocupação do solo muito acelerada na região em que a Mata está inserida. Os dados apresentados foram que, no ano de 1984, a área urbana ocupava 2.393 km². Em 2014, essa área chegou a uma

¹ Esta é uma estimativa que realizei a partir de minhas próprias impressões, pois não há dados oficiais disponíveis a esse respeito.

extensão de 16.696 km². Foi, portanto, um acréscimo de 14.303 km² ao longo de 30 anos. É importante destacar que esse período coincide com a implantação do Conjunto Habitacional Cidade Operária, na década de 1980.

Figura 02- Rio Santo Antônio no bairro Mata, assoreado e poluído.



Fonte: Acervo do autor (2019)

Essa pesquisa bibliográfica desenvolvida para a Monografia apontava, assim, que a crescente demanda por terras para moradias levava à ocupação de grande parte do Município de São José de Ribamar, onde está localizado bairro Mata. Nesse sentido, a pesquisa sugeriu que o motivo da degradação ambiental verificada, que incluía a poluição do rio Santo Antônio, que corta o bairro Mata, estaria relacionado com a crescente ocupação de terras após a implantação do conjunto habitacional Cidade Operária. A pesquisa de biologia realizada na graduação concluiu, portanto, que a agricultura deixou

de ser a principal atividade econômica dos matenses como consequência à diminuição de terras voltadas para roças onde se praticava o regime de rotação de área.

No entanto, eu considerava essa explicação ainda insuficiente. Uma das questões que me instigava é o fato de a agricultura familiar ter feito parte da vida da maioria dos moradores do bairro e hoje se restringir a poucas pessoas. Eu acreditava que outros fatores também contribuíam para aquele fenômeno. Diante do desejo de responder a essa questão, busquei uma Pós-Graduação onde eu pudesse obter as respostas que eu procurava e as linhas de pesquisa do Mestrado em Cartografia Social e Política da Amazônia me pareciam apropriadas.

A área de concentração do Programa de Pós-Graduação, em torno de questões sobre territorialidade na Amazônia, com linhas de pesquisa dedicadas a refletir sobre os processos de ocupação territorial em seus aspectos étnicos, políticos, culturais, sociológicos, econômicos e geográficos, parecia adicionar os elementos que faltavam para conferir alguma inteligibilidade às mudanças no modo de vida da Mata. Isso porque ligavam, de alguma forma, a minha preocupação com o ambiente, na qualidade de bióloga, com a preocupação dos antropólogos sobre impactos ambientais dos processos dos modelos de desenvolvimento em construção na sociedade.

De fato, as questões ambientais estão presentes em diversos trabalhos antropológicos (ALMEIDA, 2008). O problema ambiental na Amazônia, em específico, é exposto por diversos trabalhos acadêmicos (ALMEIDA, 2008; MAYBURY-LEWIS, 2002). Nenhum trabalho antropológico a esse respeito foi realizado no bairro da Mata, embora pesquisas de outras áreas tenham se debruçado sobre a questão nesta região (MASULLO, 2014; FERREIRA, 2003).

Aqui na Mata, como em outras localidades, o advento da urbanização foi inevitável com a ocupação de terras, e a urbanização, por sua vez, foi decisiva para a

degradação ambiental. Se a questão ambiental, além de ser uma questão para mim enquanto bióloga, é também objeto de preocupação de antropólogos, percebi, ao longo das disciplinas que cursei no Mestrado, que o trabalho etnográfico tem o potencial de deslocar nossos olhares, nossas atenções e nossas preocupações, fazendo surgir novas perguntas.

O potencial do trabalho etnográfico é abordado por Alfredo Wagner Berno de Almeida na apresentação do livro de Otávio Velho: *Frentes de Expansão e estrutura agrária: estudo do processo de penetração numa área da transamazônica* (ALMEIDA, 2013). O livro, fruto de “quatro viagens realizadas ao Brasil Central e à Amazônia Oriental em dezembro de 1966, janeiro-fevereiro de 1969, outubro-novembro de 1969 e em novembro de 1971-janeiro de 1972” (VELHO, 2013: 25), foi lançado originalmente em 1973 e teve uma nova edição em 2013, inaugurando a coleção Antropologia da Amazônia. Logo na apresentação da coleção, a particularidade das pesquisas etnográficas é destacada:

o trabalho de campo não é uma simples coleta de material bruto, não separando teoria e prática de pesquisa e privilegiando realidades localizadas e processos reais de formação de territórios e de descrição de conflitos sociais (ALMEIDA, 2013: 7).

Adiante, Almeida argumenta que o trabalho de campo é

indissociável dos conceitos teóricos, e de uma pesquisa etnográfica construída a partir de prolongadas e repetidas permanências na região em que ocorre a investigação. Técnicas de observação direta, registros completos de cada atividade concreta, cerimônia ou norma de conduta, refletem uma prática de pesquisa singular, cuja descrição, ao contrário de outras ciências, não implica em extrair da situação social pesquisada uma regra geral, embora possa aventar da possibilidade de universais atrelados ao entendimento das especificidades. (ALMEIDA, 2013: 10)

A pesquisa etnográfica a partir de trabalho de campo marca, assim, uma das especificidades da antropologia, fornecendo meios para romper com interpretações já estabelecidas. Como ressalta Almeida,

A descrição etnográfica dispõe-se, assim, de maneira crítica face às “grandes interpretações”, produzidas pela argumentação melancólica dos que perderam o poder metodológico de explicar e persistem na monotonia e na repetição infinda de esquemas interpretativos genéricos, subjacentes à sua própria consagração. As mudanças nos próprios sistemas de refletir são reforçadas pelo extraordinário potencial do trabalho etnográfico.

Ancorada em uma tradição que vem desde, ao menos, Malinowski (1978), o papel da etnografia nos estudos antropológicos vêm sendo discutido por autores como Magnani (2009), Peirano (1995, 2008), Ingold (2016), para ficar entre três exemplos distintos de abordagem. Longe de um consenso acerca disso, há, contudo, uma questão crucial que marca as pesquisas antropológicas de fundo etnográfico: a atenção ao que dizem as pessoas, os nativos da região onde se faz a pesquisa (Lévi-Strauss, 2003; Viveiros de Castro, 2002; Latour, 2015).

Esse novo direcionamento foi capaz de modificar minha hipótese inicial, de que a ocupação de terras após a implantação do conjunto habitacional Cidade Operária trouxe urbanização para o bairro Mata, foi responsável pela degradação ambiental e teve, como consequência, a diminuição da atividade de agricultura familiar. As leituras realizadas no âmbito do mestrado me levaram a novas questões, agora atentas ao protagonismo dos moradores do bairro Mata. Passei, então, a indagar se a questão ambiental é um problema identificado pelos matenses, se os moradores do bairro entendem a urbanização como algo positivo ou negativo, sobre qual o significado de ser um agricultor familiar para eles e se houve algum tipo de luta, de movimentação para que pudessem continuar com suas roças. Todos esses novos questionamentos e formas de reflexão passaram a nortear esta pesquisa. Entretanto, para sua realização, seria ainda necessário munir-me de

instrumentais teóricos, metodológicos e conceituais. A seguir, exporei alguns desses instrumentais, que permitiram que eu refinasse minhas indagações e delimitasse minhas questões de pesquisa.

Referenciais teóricos e metodológicos

As aulas no mestrado foram empolgantes, revigorantes e ao mesmo tempo assustadoras. Eu poderia finalmente dar um direcionamento ao que gostaria de me aprofundar, mas encontrei-me imersa em um problema, a diferença na escrita entre os trabalhos de Biologia e os da Antropologia. O rigor técnico de reproduzir conteúdos e acrescentar discussões sobre minha prática me deixava preocupada: *Que elementos se fariam presentes no meu discurso? Uma bióloga conseguiria expressar uma reflexão evitando comparações metafóricas, um dos recursos mais comuns para explicar conceitos complexos e simplificar o entendimento do leitor?* Esse foi um desafio abordado como um obstáculo epistemológico por Gaston Bachelard, uma das primeiras leituras indicadas neste curso e acionada por quase todas as disciplinas cursadas.

Gaston Bachelard discute na sua obra “A formação do espírito científico” (Bachelard, 1996) os três estados da formação do espírito científico: o estado concreto que basicamente contempla o senso comum e as experiências, concreto-abstrato que é um avanço das experiências aliadas a abstração e abstrato é o estado da razão. Para a construção do objeto abstrato não cabe apenas a repetição de reflexões já existentes, elas precisam ser questionadas, apresentar estranhamento, novas formulações de pensamento que ressignifiquem o potencial de análise.

Segundo Bachelard, os obstáculos epistemológicos causam estagnação e regressão na ciência, e eu precisava superar o obstáculo verbal que me confrontava. Neste trecho que segue, o autor revela que o uso de metáforas deve ser evitado:

O perigo das metáforas imediatas para a formação do espírito científico é que nem sempre são imagens passageiras; levam a um pensamento autônomo; tendem a completar-se, a concluir-se no reino da imagem. (BACHELARD, 1996).

Entendo que as metáforas fomentam a ilusão de entendimento rápido, a associação a imagens, esquemas, analogias e isto reduz a capacidade de abstração, segundo Bachelard (1996). De posse desse entendimento, venho me esforçando para evitar analogias com termos da Biologia para explicar conceitos ou contextos nos meus escritos. O professor Alfredo Wagner, docente do programa de mestrado no qual estou inserida, sempre nos lembrava em sala de aula “É proibido explicar usando exemplos”. Esse exercício de não simplificar foi muito proveitoso, constitui-se um desafio na escrita científica.

Consequente ao obstáculo verbal, eu pude constatar que o fato do meu objeto de investigação tratar-se de algo familiar implicaria em outro obstáculo que poderia imobilizar o prosseguimento do estado concreto ao estado de abstração do meu objeto de estudo. A experiência primeira é um obstáculo por representar o conhecimento do senso comum, das empirias, dos sentimentos, de saberes adquiridos, enfim, de toda a bagagem que carrego da minha percepção sobre os matenses, agricultura que praticam ou praticaram, sobre a economia local, danos ambientais e chegada de urbanização. Para Bachelard (1996), todos esses conhecimentos prévios precisariam ser desconstruídos, pois como atesta:

No fundo, o ato de conhecer dá-se *contra* um conhecimento anterior, destruindo conhecimentos mal estabelecidos, superando o que, no próprio espírito, é obstáculo à espiritualização. [...] Um obstáculo epistemológico se

incrusta no conhecimento não questionado. Hábitos intelectuais que foram úteis e sadios podem, com o tempo, entravar a pesquisa (BACHELARD, 1996).

Contudo, entendo esse obstáculo como a liberdade para não esquecer o que se sabe e acionar a conhecimento pré-existente, mas ao mesmo tempo exaurindo reflexões e reformulações sem aceitar o imediatismo e senso comum como respostas às nossas problemáticas. Afinal, diante das primeiras deduções, o exercício de estranhar-se e apropriar-se de novas formulações faz parte do contexto inicial do processo de abstração do objeto. Dessa forma, o processo de estranhamento sobre os matenses foi primordial para levantar as indagações e problemáticas deste estudo, pois, imersa em um mundo de experiências pessoais e conhecimento do senso comum, eu não conseguiria perceber tamanha complexidade nas relações pessoais e econômicas da Mata.

De posse do entendimento que o estranhamento do habitual é essencial à compreensão do objeto, dei início às minhas atividades de coleta, escrita, interpretação e composição de dados através da etnografia que é, sem dúvida, a parte mais empolgante do trabalho antropológico. É quando o pesquisador/antropólogo vai a campo interagir com pessoas, ouvir os discursos, observar ações, vivenciar experiências, analisar e interpretar o que capturou no campo de investigação empírica, configurando uma interpretação de segunda mão. E a partir daí irá interpretar a visão de mundo dos sujeitos estudados e transformar toda essa análise em uma escrita acadêmica.

Em “A interpretação das culturas”, Geertz (2008) faz reflexões sobre a etnografia, colocando-a como uma descrição densa, e aponta algumas dificuldades de fazer etnografia:

Fazer a etnografia é como tentar ler (no sentido de "construir uma leitura de") um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escrito não com os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado (GEERTZ, 2008 P. 07).

Geertz (2008), na obra *Briga de Galo*, faz uma análise sobre a estrutura social balinesa, as alianças e as rupturas entre os diversos grupos ali existentes, mediante a observação de brigas de galos. Nessa obra, o autor compara a cultura a um texto para ser lido e interpretado. O autor descreve a Briga de Galo dos balineses, uma ação social corriqueira, aparentemente simples, mas carregada de significados e sentido para quem a pratica, escusos em contraposição a cultura de quem os estudou, necessitando para tal entendimento uma descrição que vai além de escrever com detalhes, decodificar, expor códigos culturais. Depreende-se que é necessário, em primeiro lugar, definir bem o local de estudo, que na obra do autor é a sociedade balinesa, mas também o objeto de estudo, que é a briga de galos, a fim de compor o que Geertz (2008) chama de uma descrição densa.

Em meu estudo, utilizo a perspectiva teórica-metodológica interpretativa de Geertz (2008) a fim de deslindar interpretações intercruzadas em meio a este estudo. Aliada ao que já sei sobre o objeto de estudo, busco transformar o discurso das falas, os elementos simbólicos e a experiência em campo em questões a serem desvendadas durante o percurso para compreender objeto. Para Geertz (2008), a cultura é um texto que é lido e interpretado tanto pela antropóloga quanto pelos nativos. Há, portanto, várias possibilidades interpretativas nas leituras de uma cultura. A interpretação do pesquisador é apenas um dos pontos de vista possíveis. Trata-se de uma leitura da realidade realizada de um ponto diferente dos nativos, que também leem e interpretam (e tomam suas decisões, fazem suas escolhas a partir de suas interpretações). A partir dessa perspectiva, cada matense realiza também suas interpretações sobre sua realidade e sobre suas vidas. Cabe a mim, seguindo essa orientação, interpretar a

interpretação que eles fazem sobre suas próprias vidas. Essa abordagem possibilita que a interpretação da realidade feita pelos próprios matenses possa compor este estudo.

Com esse enfoque, é possível afirmar que o local de meu estudo é o Bairro Mata e o objeto de estudo são agricultores familiares. Para alcançar êxito na etnografia, descrevi o bairro e contei com a colaboração de agricultores atuantes e aposentados da Mata. Com isso, busquei acessar alguns pontos de vista diferentes sobre a prática da agricultura familiar local e o processo de urbanização do bairro. Em complemento, busquei também ouvir alguns familiares de agricultores aposentados, que ofereceram outras perspectivas acerca do mesmo fenômeno, com falas sobre educação como fonte de ascensão e prosperidade financeira. As perspectivas de outros moradores do bairro, sem ligação com a agricultura, mas concernentes a esse fenômeno, também habitam as páginas que seguem. Finalmente, meu próprio olhar, como matense, contribuiu para algumas descrições, aproximando-me, de certo modo, ao que costumou-se chamar de autoetnografia (GAMA, 2020; VERSIANI, 2005). Os variados discursos contribuíram para tornar mais complexo o olhar, antes unilateral, sobre a prática da agricultura familiar e urbanização na Mata, assim como sobre as consequências desses processos no modo de vida local.

Entretanto, além da atenção aos métodos e da leitura cuidadosa e rigorosa de uma realidade social, o pesquisador deve também se preocupar com sua própria escrita. O autor James Clifford afirma em sua obra “A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX” (CLIFFORD, 2002) o seguinte:

Se a etnografia produz interpretações culturais através de intensas experiências de pesquisa, como uma experiência incontrolável se transforma num relato escrito e legítimo? Como, exatamente, um encontro intercultural loquaz e sobre determinado, atravessado por relações de poder e propósitos pessoais, pode ser circunscrito a uma versão adequada de um “outro mundo” mais ou menos diferenciado, composta por um autor individual? Analisando esta complexa transformação, deve-se ter em mente o fato de que a etnografia está

do começo ao fim, imersa na escrita. Esta escrita inclui, no mínimo, uma tradução da experiência para a forma textual. O processo é complicado pela ação de múltiplas subjetividades e constrangimentos políticos que estão acima do controle do escritor. Em resposta a estas forças, a escrita etnográfica encena uma estratégia específica de autoridade. Essa estratégia tem classicamente envolvido uma afirmação, não questionada, no sentido de aparecer como a provedora da verdade (CLIFFORD, 2002).

Neste trecho, Clifford critica uma série de fatores que podem interferir na produção de escritos legítimos. O autor critica a autoridade etnográfica dos escritos que representam uma relação de poder entre o pesquisador e os sujeitos, resultando em uma escrita que necessariamente decorre dessa relação.

O autor Pierre Bourdieu em seu livro “A miséria do mundo” (BOURDIEU, 2008), embora a partir de outra perspectiva, também se preocupa com a dissimetria e com as relações de poder entre o pesquisador e o pesquisado. Ele mostra o início do jogo que acontece entre o pesquisador e o pesquisado nas entrevistas:

O pesquisador que inicia o jogo e estabelece a regra do jogo, é ele quem, geralmente, atribui à entrevista, de maneira unilateral e sem negociação prévia, os objetivos e hábitos, às vezes mal e terminados, ao menos para o pesquisado. Esta dissimetria é redobrada por uma dissimetria social todas as vezes que o pesquisador ocupa uma posição superior ao pesquisado na hierarquia das diferentes espécies de capital, especialmente do capital cultural. O mercado dos bens linguísticos e simbólicos que se institui por ocasião da entrevista varia em sua estrutura segundo a relação objetiva entre o pesquisador e o pesquisado ou, o que dá no mesmo, entre todos os tipos de capitais, em particular os linguísticos, dos quais estão dotados (BOURDIEU, 2008.p.695)

Muito do que é expresso por Bourdieu (2008) acerca de entrevistas ocorre com antropólogos em suas pesquisas de campo. O antropólogo, ao iniciar sua pesquisa, chega ao campo em uma posição superior, como estudioso detentor de conhecimento científico, o que o autor chama de detentor do capital cultural, que é capacitado para escrever e dar voz aos sujeitos sendo responsável por validar o “saber”, validar histórias e, conseqüentemente, legitimar (tornar científico/acadêmico) os relatos através da escrita etnográfica.

Quando acontece a interação social entre o pesquisador e o sujeito, ambos tentam transmitir, ou seja, dar a impressão desejada de si para o desconhecido com finalidades diferentes. As pessoas se mostram mais agradáveis quando querem colher informações e os agentes sociais podem direcionar o que desejam falar e omitir. Essa é uma questão levantada por Berreman (1980) sobre o fazer etnográfico, a qual ele dá o nome de controle de impressões:

As impressões que o etnógrafo e os sujeitos procuram projetar mutuamente são, portanto, as que julgam ser favoráveis à consecução de seus objetivos respectivos: o etnógrafo procura obter informações sobre a região interior; os sujeitos procuram proteger seus segredos, já que representam uma ameaça à imagem pública que desejam manter. Nenhum deles poderá ter um sucesso absoluto (BERREMAN,1980).

A depender das impressões, o trabalho etnográfico merece muita atenção e seriedade, pois a credibilidade que os agentes sociais, chamados por Berreman (1980) de sujeitos, irão depositar no etnógrafo resultará em um trabalho de pesquisa sério e relevante tanto para os sujeitos, quanto para o pesquisador.

Atrevo-me a dizer que questões tão delicadas, como as abordadas por Berreman (1980), não me pareciam tão problemáticas. Ao longo de minha pesquisa vivi momentos muito agradáveis. Não precisava me preocupar, por exemplo, com o controle de impressões. Eu, enquanto pesquisadora, e os matenses, enquanto colaboradores de minha pesquisa, mantivemos uma relação bem amistosa. Eu não preciso passar uma boa impressão e nem preciso de aceitação pelo simples fato de ser bem conhecida por eles.

Eu sou neta do Bento e da Chica (Figura 03), sou a filha da Joanhina e do Isael e isso é o bastante para resplandecer confiança. Meus pesquisados, ou melhor, conterrâneos (posso assim chama-los e até me agrada mais) não me viram como “forasteira” com intenções duvidosas, eles sabem que minha intenção não é prejudica-los, sabem que esta

pesquisa é direcionada à Universidade, mesmo que nem perguntem mais que isso: *Pra que é que tu quer saber disso agora? Será que vou poder te ajudar?*

Figura 03: Meus avós Bento e Francisca



Fonte: Acervo pessoal do autor (2020)

Realmente, meus conterrâneos colaboram com minha pesquisa sem entraves pessoais, sem roupas novas para me receber ou nos encontros eventuais o diálogo é sempre mais interessante. Se o tempo lhes foi suficiente, eles encerram o assunto dizendo que vão se ocupar e *outro dia agente conversa*, sem que isso seja encarado como falta de educação. Afinal, a frase final costuma ser: *Eu já vou, depois agente se fala. Manda lembranças pro seu Bento, ele não sai mais de casa!* E eu respondo: *mando sim. Sair de casa agora tá difícil, ele não gosta mais de sair.* E, assim, encerramos mais uma conversa com cordialidade, algumas mais proveitosas que outras. Acredito que superar obstáculos epistemológicos e enfrentar as adversidades do trabalho de campo dinamiza a pesquisa e aprimora minha escrita etnográfica.

Toda essa série de cuidados e reflexões acionados por Bourdieu (2008) e Berreman (1980) parecem, portanto, não fazer muito sentido para minha prática de pesquisa. O fato de ser conterrânea e presente no bairro tornam desnecessários os esforços em controlar impressões. Afinal, eu não apresento risco aparente aos meus conterrâneos, pois eles conhecem minha família.

Essa situação confortável para mim refletiu em uma pesquisa pouco conflituosa. Entretanto, cabe destacar que, como todos os meus conterrâneos, ocupo uma posição específica nas redes de relações que se estabelecem na Mata. Sou descendente de pais bem sucedidos e com certa influência no bairro. Sua rede de relações, de algum modo, se estende a mim. Além disso, meu grau de instrução mais avançado do que da maioria das pessoas também se destacava. Esses dois fatores me colocaram em uma posição muito favorável para acessar as informações das pessoas com as quais não tenho parentesco.

Imagino que, se eu não fosse essa a minha posição no bairro, não teria tido tanto êxito em acessar as informações que trouxe para esta dissertação. Eu certamente teria

acessado outros dados (que são, na verdade, como já apontado por extensa bibliografia, construídos a partir das relações que se dão em campo).

Mas nem tudo transcorreu com tanta facilidade. Talvez os mesmos fatores que facilitaram o acesso a algumas pessoas fizeram com que outras pessoas que contatei não se dispusessem a contribuir em minha pesquisa. Algumas declaravam não saber de nada importante para contribuir. Nitidamente, não tinham interesse em colaborar por não lhes trazer algum retorno. Outras pessoas contatadas, ainda, estavam sempre ocupadas ou nunca estavam em casa. Diversas e diversificadas desculpas foram dadas por elas, até que eu desistisse.

Eu relutei em mencionar os insucessos do trabalho de campo, não queria expor os “nãos” que recebi. No entanto, compreendi que tanto as conquistas quanto as impossibilidades fazem parte de toda pesquisa. De fato, tudo isso acrescentou e colaborou para o entendimento do lugar que ocupo na fala e também a representação da visão do pensamento de meus conterrâneos. Tanto quem se comunica quanto aqueles que se negam a colaborar proporcionaram, de certa forma, características singulares um trabalho, pelas presenças e pelas ausências.

E sei que o meu está repleto de visões e pensamentos diversos de quem quis dar personalidade à minha escrita, de quem (con)cedeu um pouco de sua personalidade a este texto. Quem escreveu junto comigo este trabalho e se propôs a colocar um pouco da sua história e sua voz nesta obra sabe que suas palavras e suas personalidades estarão registradas, imortalizadas. As diversas interpretações acerca das transformações pelas quais a Mata passou ao longo dos últimos anos, expostas nas páginas desta dissertação, são, portanto, derivadas dos acessos e dos bloqueios que vivenciei durante a pesquisa.

Embora eu já não seja moradora da Mata há cinco anos, minha família continua morando lá e, ao longo do desenvolvimento deste trabalho, eu os visitava semanalmente². Assim, mantenho os laços sociais com as pessoas junto as quais cresci, as que me viram crescer e aquelas que eu mesma vejo crescer.

Tenho uma família materna numerosa e eu os encontro com frequência, pelo menos uma vez ao mês nos reunimos nas comemorações de aniversários que, geralmente, acontecem na casa dos meus avós para que eles sempre estejam presentes, uma vez que eles não têm mais o hábito de sair de casa. Meus avós maternos têm cinco filhas vivas e um filho vivo, totalizando seis filhos vivos. Outros dois filhos morreram na infância, uma menina, poucos meses após o nascimento, e um menino, que faleceu por choque em fio elétrico na Praia do Olho d'Água quando brincava em uma duna de areia. Outro filho, ainda, faleceu com trinta anos de idade, por motivos de doença.

Todos os meus primos concluíram o ensino médio, seja estudando em escolas vizinhas ao bairro ou mais distantes. Dentre eles, minha prima Flávia foi a primeira a conseguir admissão em um mestrado e eu consegui em seguida. Os meus tios e meus avós foram participantes da minha pesquisa. Mais do que a realização de diálogos mais formais, nossas conversas informais, com as lembranças e histórias de vida de todos eles, eram responsáveis pela obtenção de informações importantes para meu trabalho. Meus avós, particularmente, se tornaram uma fonte muito rica de informações, pois suas lembranças se faziam bem vivas na memória deles e eu pude absorver o que me foi repassado e filtrar o que teria mais relevância para minha pesquisa.

Além dos meus familiares, conterrâneos me receberam para dialogar sobre o bairro. Seu Abdon e sua família foram, sem dúvidas, de grande ajuda. Por meio deles,

² Durante a escrita desta dissertação, minhas idas à Mata tornaram-se diárias.

pude ver uma família composta por agricultores que buscaram condições para desempenhar sua atividade econômica através de meios políticos como associação de agricultores. Seu Abdon, sua esposa Margarida e seus filhos Aknayara, Mayara e Côca, que já constituíram suas próprias famílias, desde o início se dispuseram a me prestar informações, embora Mayara e Côca se colocassem mais dificultosos por não acessarem tanto a internet. A internet foi muito importante nesse processo, seja para marcar as visitas, seja para realizar conversas de modo remoto, a fim de obedecer à recomendação de distanciamento social para evitar a transmissão de vírus durante a pandemia de COVID-19.

Os demais colaboradores foram alcançados em momentos de pura coincidência, ao acaso. Nesses momentos, travamos conversas informais, mas que foram muito importantes para minha pesquisa. Essa foi a situação ocorrida com o Cócá e seu Neguinho, cuja conversa se deu quando fui realizar uma compra para minha mãe no comércio do seu Neguinho e o Cócá estava sentando proseando. Felizmente, tive a oportunidade deste diálogo antes do falecimento dos dois por causa da COVID-19, seu Neguinho em 2020 e o Cócá em 2021. Foram mortes muito sentidas na comunidade, pois ambos eram pessoas queridas e muito presentes no cotidiano da grande maioria dos moradores.

Minha mãe Joana e meu pai Isael (Figura 04) também colaboraram para minha pesquisa, com relatos de suas vidas e com a disponibilização de registros fotográficos que, muitas vezes, faziam puxar fios da memória e alongar nossas conversas. Esses registros, como ficará evidente ao longo do trabalho, oferecerão imagens ilustrativas que se unem e complementam minha descrição.

Figura 04: Joana e Isael Lucena



Fonte: Acervo pessoal de Joana Lucena (2021)

Esse tipo de material é muito importante, como destaca Bittencourt (1994). O autor exalta a fotografia com o intuito de dar formas às vozes e olhares que contribuíram para os relatos etnográficos, dando mais personalidade, proximidade e reconhecimento.

As fotografias seguintes (Figura 05) são do acervo pessoal da minha mãe, fotos que ela tirou quando tinha 19 anos e estava grávida de mim, sua primeira filha. Achei que esta fotografia poderia contribuir no sentido de verificarmos a paisagem exposta nela. As plantações de mandioca e as palmeiras de tucum muito comuns nas áreas de vegetação da Mata se fazem presentes na imagem.

Figura 05: Fotografia de Joana em seu quintal (A e B)

A

B



Fonte: Acervo pessoal de Joana Lucena (1984)

Quando minha mãe me cedeu essas fotos me contou que nesse tempo tinha concluído o curso Normal para ser professora, era uma formação a nível médio para iniciar na carreira trabalhista com mais rapidez. Assim que nasci minha mãe começou a procurar emprego como professora e conseguiu ser contratada pela prefeitura de São José de Ribamar para trabalhar em uma escolinha na Mata. Nessa época havia pouca procura para trabalhar no bairro da Mata por quem não morava lá, uma vez que o transporte era escasso. A partir desse emprego que Joana conseguiu, se tornou modelo de sucesso e todas as irmãs seguiram o mesmo caminho da irmã mais velha.

Acredito que meu entrosamento e boa sociabilidade na comunidade seja favorável à minha movimentação e à abordagem dos sujeitos envolvidos diretamente na pesquisa. Não temos formalidades de vestimentas para o momento de conversa, posso interagir na casa deles e marcar pessoalmente e em comum acordo o melhor momento para dialogar. Entretanto, como mencionei acima, não tudo são apenas aspectos positivos, algumas pessoas se recusam a colaborar alegando não ter informações relevantes a contribuir.

Muitas vezes, percebo omissões em algumas falas e, quando questionados, eles respondem: *Eu pensei que tu soubesse disso!* Os não ditos são muitos e, creio eu, bem difíceis de lidar. Isso porque, se meu interesse está em acessar a interpretação que eles fazem da vida social no bairro Mata, as falas de cada pessoa, na forma como contam cada detalhe, são de fundamental importância. Afinal, a mesma situação social é contada por óticas diferentes, com detalhes peculiares, interpretações distintas. Observar e levar em consideração toda essa variedade de leituras faria do trabalho uma descrição densa, nos termos de Geertz (2008).

No entanto, para as pessoas junto a quem realizei minha pesquisa, o modo de vida é algo comum, eles vivem e isso é visto como natural. É o pesquisador que tem a preocupação em descrever aquele modo de vida como uma cultura a ser interpretada. Esse ponto é explorado com sofisticação por Roy Wagner (2010). Para ele, diferente de Geertz (2008), a cultura não é um texto a ser interpretado. A cultura é algo inventado tanto pelo antropólogo quanto pelos nativos. É a partir do momento em que um agente externo detecta uma diferenciação em comparação ao seu modo de vida, no momento em que surge essa contraposição, que tanto a cultura do nativo quanto a do antropólogo são inventadas. E é nesse momento que a cultura do outro pode tornar-se objeto de estudo. A cultura antes simplesmente vivida pelos agentes sociais passará, então, a ser estudada,

comparada e representada para outras pessoas por intermédio de um antropólogo (WAGNER, 2010b).

Entretanto, como afirmei anteriormente, a antropóloga que escreve este trabalho é, também, matense. É desafiador falar de uma perspectiva externa quando se pertence ao lugar de estudo de forma tão íntima. Foi somente em 2014, quando casei e me mudei para outro bairro de São Luís, que percebi o quanto a ligação com minha terra natal era forte. Mudei-me para um condomínio de apartamentos no Turu e o cotidiano mudou completamente. Foi nessa circunstância que me dei conta de que existe algo de específico, de peculiar, no modo como os moradores do bairro Mata vivem e se relacionam, algo que eu poderia chamar de cultura matense. Ou, nos termo de Wagner (2010), foi quando inventei uma cultura matense.

De repente, ninguém mais me chamava por apelidos de infância quando eu saía de casa e nem me perguntavam onde eu estava indo ou o que iria fazer. Quase sempre só me cumprimentava e nada mais. Não era mais possível ir ao comércio sem dinheiro e voltar com produtos porque o comerciante conhecia sua família e isso era o suficiente para que eu pudesse pagar as compras outro dia. Andar a pé para ir à igreja, à casa de amigos, aos campos de futebol ou às festas não acontecia mais. O bairro novo era muito diferente, bem grande, tinha privacidade demais e simpatia de menos.

Precisei me distanciar da Mata e morar em outro bairro para ver tudo com outros olhos, os olhos do “outro”, o que vê de fora e que percebe diferenças. Quando conceituou cultura como algo inventado tanto pelo antropólogo quanto pelo nativo em situações de encontro cultural, Wagner (2010) contribuiu para a minha reflexão sobre a mudança de percepção sobre meu velho bairro somente após meu afastamento.

Na minha condição de moradora, eu não percebia as peculiaridades do bairro, pois estava imersa vivendo a minha realidade e, até então, não conhecia outras formas de viver

socialmente. Eu interpretava minha realidade ali a fim de traçar minhas estratégias, fazer minhas escolhas, tomar minhas decisões, sem perceber que, a partir de outro ponto de vista, aquela realidade que eu vivia dizia respeito a algo específico. O estranhamento produz uma leitura distinta do que lhe é diferente, ou seja, a leitura do “texto”, ou melhor, a interpretação da cultura perpassa por uma interpretação da interpretação dos sujeitos.

Senti interesse em observar o familiar, portanto, a partir do momento que houve certo distanciamento meu em relação ao meu bairro. Para melhor entender a situação a que iria submeter meus esforços de escrita, busquei referências com Gilberto Velho (1986) e Roberto Da Matta (1986).

Gilberto Velho (1986) me fez refletir sobre a observação do familiar, no tocante a revelação que ele faz em seu texto sobre a observação de sua janela em relação ao cotidiano familiar que ele se depara, identificando e entendendo as cenas do seu dia-a-dia, mas explica que embora lhe pareça familiar ele não conhece os sujeitos observados a fundo ou com relativa profundidade. Velho (1986) afirma que o que vemos e encontramos pode ser familiar, mas não necessariamente conhecido e que não vemos e encontramos pode ser exótico mas, até certo ponto conhecido.

Com base nesses escritos analisei o quão o agricultor familiar da Mata e a própria comunidade em si se fez ao meu olhar tão familiar e com o aprofundamento do campo verifiquei a superficialidade do que eu sabia e percebi a importância das falas dos meus conterrâneos para meu trabalho etnográfico.

Da Matta (1986) também corrobora com a trajetória antropológica de transformar o “exótico em familiar e o familiar em exótico”, afirmando que este exercício é o fundamento dos trabalhos etnográficos. Contribuindo com esta discussão, Velho (1986) afirma que estamos sempre pressupondo familiaridade como fonte de conhecimento e exotismos como fontes de desconhecimento. Neste aspecto posso incluir as primeiras

etapas da delimitação de meu objeto como algo familiar que eu supunha conhecimento e conseqüentemente apostava em uma reflexão simplificada. Mas as abordagens torram-se bem complexas uma vez que precisava sempre exercitar imparcialidade.

Velho (1986) nos instiga a pensar que o pesquisador precisa ter olhos imparciais a realidade observada para evitar a obscuridade em julgamentos e conclusões. Assim a necessidade de se distanciar tem por fim garantir objetividade no trabalho do pesquisador. Acrescento ao posicionamento deste autor a importância de discursos dos agentes pesquisados para introduzir nos trabalhos a realidade de outras vozes em um trabalho antes falado apenas pelo pesquisador que se transforma em muitas vozes falantes e reflexões realizadas sobre todas essas vozes e que possivelmente possam ser vistas e confrontadas sendo possíveis colaborações constantes.

Escopo e estrutura da dissertação

Como afirmei anteriormente, minhas intenções de pesquisa estavam inicialmente relacionadas com meus interesses na área da biologia e do meio ambiente. Eu tinha como hipótese o fato de que o crescimento da urbanização no bairro Mata causara degradação ambiental e isso fez diminuir as atividades da agricultura familiar.

Com o início da pesquisa etnográfica, voltando minha atenção ao protagonismo dos moradores do bairro, modifiquei minhas atenções e passei a me interessar sobre a percepção dos matenses acerca da questão ambiental, do processo de urbanização, da agricultura familiar.

Em diálogo com a literatura antropológica, refinei essas indagações para, finalmente, definir o escopo de minha pesquisa. Assim, esta dissertação pretende mostrar as mudanças pelas quais o bairro Mata, na grande São Luís, passou nos últimos 40 anos, a partir das escolhas (e interpretações) realizadas por alguns de seus moradores que, em alguns casos, os distanciaram do trabalho na roça e, em outros, intensificou seu envolvimento com a agricultura familiar.

Para tanto, a dissertação será dividida em três capítulos. O primeiro apresentará algumas características sobre o bairro Mata e a sociabilidade matense. O segundo capítulo é dedicado às mudanças ocasionadas com o processo de urbanização do bairro. O terceiro capítulo abordará a agricultura familiar que ainda persiste na Mata, com foco nas diferentes leituras que matenses realizam acerca da diminuição dessa atividade produtiva.

CAPÍTULO 1 - A MATA

Vou iniciar minha descrição com uma pergunta que sempre me faziam quando eu dizia que morava na Mata: “Como se faz pra chegar na Mata?” Eu logo pensava, como pode uma pessoa não saber onde fica a Mata? Eu não entendia, ou melhor, não admitia que um bairro tão antigo no município de São José de Ribamar fosse desconhecido ao ponto de ser novidade aos ouvidos das pessoas.

Um bairro que foi citado na letra de uma das mais famosas toadas maranhenses “Boi de Lágrimas”, composição de Raimundo Makarra que em sua composição fala dos bumba-meu-bois mais famosos do Maranhão. Cito o trecho da toada abaixo e reforço que o nome do bairro Mata foi levado pelo seu bumba-meu-boi (Figura 06) ao conhecimento dos mais antigos e hoje é uma das toadas mais tocadas no nosso São João:

Sabiá
Já mostrou seu canto
Enfrentou cantor do boi da pindoba
Ê boi
Chegou prenda do Rosário
Beirada nunca viu tanto brilho e clarim
Chiador, levantou Maioba
Chão tremeu, quem fez? Foi Maracanã.
Ê boi, chegou batalhão da Mata,
Enfrenta o contrário no cordão
Ê boi...
(Raimundo Makarra)

Uma bela poesia sob a forma de toada que perpetuou a Mata na história da cultura maranhense. E mesmo com tudo isso, o bairro parecia simplesmente desconhecido aos ouvidos das pessoas.

Figura 06: Bumba meu Boi Renovador de Mata Grande



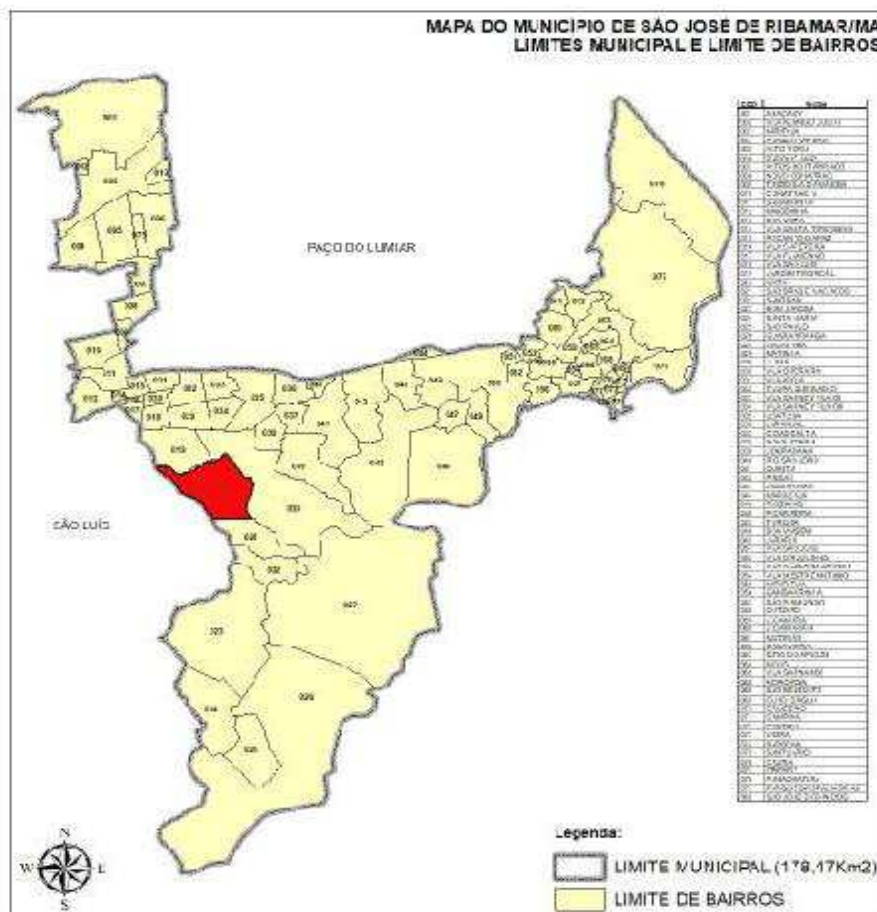
Fonte: Acervo pessoal do Presidente do Boi (Valdevan)

Voltando à pergunta inicial de como se faz pra chegar na Mata, aproveito para explicar que o bairro fica no limite com a capital São Luís. Assim, podemos chegar pela Avenida do bairro Geniparana, pela Avenida do Jardim América, pela Avenida da Cidade Olímpica e pela estrada do Santana em uma das extremidades da Mata e na outra extremidade chegamos pela Avenida Trindade do bairro Matinha. São muitas opções e

isso fez o bairro ter um fluxo grande de veículos percorrendo a avenida principal da Mata, chamada Avenida Trindade.

A Mata é chamada de bairro, de comunidade ou simplesmente de Mata; a designação fica a critério de cada um. Digo isso porque já ouvi todas essas formas de diversas pessoas diferentes e das mesmas também. O bairro da Mata pertence ao município de São José de Ribamar (Figura 07) e localiza-se no limite com o município de São Luís. Segue abaixo um mapa dos bairros de São José de Ribamar, com o bairro da Mata em destaque em vermelho.

Figura 07 – Mapa do Município de São José de Ribamar/MA



Fonte: Desconhecida

No início da Avenida Trindade, temos o cemitério comunitário Jardim Venâncio (Figura 08) que, embora seja visto pelos moradores como um patrimônio do bairro, qualquer pessoa tem acesso para usufruir mediante pagamento de taxas. Sua administração encontra-se sob os cuidados de Seu Vavá, pessoa conhecida no bairro. Tudo referente ao cemitério é responsabilidade e resolvido por ele.

Figura 08 – Cemitério da comunidade da Mata Jardim Venâncio



Fonte: Acervo Pessoal (2020)

Seguindo pela Avenida Trindade, encontram-se alguns sítios grandes murados e algumas casas novas, habitadas por pessoas recém-chegadas no bairro. Em certa altura da avenida, chega-se ao ponto que as propriedades dos moradores mais antigos começam a aparecer. É nessa altura que se encontram os primeiros campos de futebol particular do

Pedrinho e, em frente, a residência do seu Cafu, que mora com sua família, com quem trabalha vendendo salgadinhos para festas. Lembro quando chegaram à Mata na década de 1990 e construíram umas das casas mais confortáveis, inclusive com varanda e cheia de grades.

Nessa época, o riacho passava no seu quintal e, vez por outra, quando chovia, derrubava o muro de sua casa. Entretanto, com o tempo, o riacho secou. Ainda assim, atualmente, quando temos chuva intensa, o mesmo espaço do riacho que secou enche e transborda pela rua, derrubando o muro da casa do seu Cafu (Figura 09). Vizinha a ele está a casa dos pais do Pedrinho, que também moram em frente aos campos de futebol. A casa deles é simples e pequena, mas o quintal é arejado e cheio de mangueiras que sombreiam e permitem uma boa conversa à tardinha.

Figura 09 – Campo do Pedrinho alagado nas chuvas de inverno de 2021



Fonte: Desconhecida

Ainda na mesma avenida, há um pequeno condomínio, com um total de oito casas, mas com espaço pequeno, sem áreas comuns de lazer. O condomínio está localizado de esquina com a Avenida dos Agricultores, pela qual podemos chegar às terras dos agricultores locais. Ele foi construído no início dos anos 2000, quando se deu a expansão de construções de casa em ruas adjacentes à avenida Trindade (Figura 10) e nas proximidades da avenida dos agricultores.

Figura 10 – Rua nova nas proximidades da Avenida Trindade



Fonte: Acervo pessoal (2021)

A Avenida Trindade e a Praça Santo Antônio são onde os matenses mais antigos moram até hoje. Tal avenida, considerada a principal do bairro, não tem foco comercial, como as avenidas principais têm em outros bairros. Ainda assim, alguns estabelecimentos comerciais fazem-se presentes na avenida. Ao longo de cerca de um quilômetro de extensão, temos uma barbearia, um pequeno sacolão que também vende frangos, um vendedor de verduras e legumes, três *comércios* de gêneros alimentícios não perecíveis, uma lanchonete que funciona somente à noite, um bar e lanchonete que abre aos fins de semana, uma padaria e duas lojas de roupas.

A partir daí, percebemos que as atividades comerciais são escassas, mas são o suficiente para as necessidades imediatas da população. Os *comércios*, como são chamados, têm uma variedade grande de produtos para vender, dentre eles alimentos, bebidas, limpeza, higiene pessoal, remédios, utensílios de casa, papelaria etc. A maior parte deles continua na prática de venda sem utilizar tecnologias, como cartão de crédito. Em compensação, ainda se vale do fiado, crédito dado apenas através da palavra. Este é um ponto interessante, porque o fiado é raro nos demais bairros que já conheci e convivi, mas na Mata ainda é muito usado. Essas vendas por fiado são anotadas em cadernos, mas essa possibilidade só é concedida para aquelas pessoas cujos comerciantes dizem ser de confiança pra pagar suas contas. Na Mata, essas relações de confiança se estabelecem, em grande parte, em função de as pessoas se conhecerem e, principalmente, conhecerem os vínculos familiares umas das outras. Pertencer a uma família honesta e boa pagadora abre crédito pra o morador se valer dessa ferramenta, mesmo quando está vivendo momentos de dificuldade financeira, mesmo sem emprego formal e comprovação de renda para tirar cartões.

Os três comerciantes do bairro têm mais de 50 anos. O proprietário do comércio da praça chamado Gela Guela se chama Inaldo, mais conhecido como Bateca. Temos

também o comércio do Seu Miguel e o comércio do Seu Neguinho. Este último encontra-se fechado porque o proprietário faleceu 25 de agosto de 2020 por complicações pulmonares devido à COVID-19. Seu Neguinho era muito conhecido na Mata e nos bairros adjacentes, uma pessoa alegre e que trabalhava todos os dias no comércio dele. Só tirava folga domingo à tarde e, depois de sua morte, ficou um vazio na porta do comércio porque, antes, sempre havia alguém sentado lá conversando com ele. De longe dava para ouvir as gargalhadas. Vizinho dos meus pais, seu neguinho sempre me cumprimentava quando eu chegava à Mata. É muito triste chegar lá e encontrar o vazio. As funcionárias do posto de saúde sempre alertavam os moradores quanto ao risco da COVID-19, mas muitas pessoas do bairro estavam descrentes da gravidade e seu Neguinho foi uma vítima, tornando-se um alerta aos demais.

A Unidade Básica de Saúde da Mata (Figura 11) também fica na Avenida Trindade. Ela atende também bairros adjacentes que não têm UBS com todos os atendimentos básicos. As consultas médicas ocorrem uma vez por semana, mas as técnicas de enfermagem atendem diariamente na unidade. As três agentes de saúde são da Mata (Giseli, Lena e Maria Antônia) e percorrem o bairro prestando auxílio domiciliar às famílias. As zeladoras da UBS (Lizoca e Vana) também pertencem à comunidade. Todas elas, tanto as agentes de saúde como as zeladora, são conhecidas no bairro e consideradas bem prestativas aos conterrâneos que precisam de ajuda na UBS.

Figura 11 – Unidade Básica de Saúde da Mata



Fonte: Acervo do autor, 2020

Saindo da avenida principal e chegando na Praça Santo Antônio, está localizada a igreja católica e a escola mais antiga do bairro. Para mim, esse é o coração da Mata, pois é onde tudo acontece: carnaval, Festejos de Santo Antônio, Festival de lanches, Cruzadas Evangélicas, culminâncias de projetos da escola, desfile da semana da pátria, lazer de crianças à noite. Trata-se de um espaço amplo e diverso, como mostra a fotografia abaixo da Praça Santo Antônio (Figura 12), mostrando também a Igreja e a Escola Municipal Dunches de Abranches.

Figura 12 – Praça Santo Antônio



Fonte: Acervo do autor, 2020.

Essa fotografia foi tirada por mim em um momento do meu trabalho de campo. Quando eu estava posicionada naquele lugar de visão, passou por mim uma moradora chamada Valdenis, que trabalha na escola com a função de serviços gerais e tem mais ou menos minha idade. Ao cruzar comigo, disse: *Tá apreciando a Mata, é? Deu saudade, né? Tá querendo voltar, é? (gargalhamos juntas)* Eu respondi... *um dia eu vou voltar*. Respondi isso mesmo sabendo que de fato nunca fui embora de vez, sempre que possível estou na minha terra.

A praça é ponto de encontro das festividades da comunidade, dentre elas a derrubada do mastro de Santo Antônio padroeiro da Igreja católica, que ocorre no mês de junho. A igreja católica da Mata é bem antiga. Segundo informações do Conselho da Comunidade da Igreja Católica, a igreja foi fundada em 13/06/1946. De acordo com

relatos de pessoas antigas no bairro, um senhor de nome Aniceto construiu a Igreja em Alvenaria para pagar uma promessa. Ele pediu para que sua carga de café, que vinha em travessia pelo mar, chegasse em terra firme. Com seu pedido atendido, seu Aniceto cumpriu sua promessa, construindo a capela para o Glorioso Santo Antônio.

Essa história foi contada pelos antigos que contaram aos seus familiares, uma transmissão oral de saber e informações. Não se têm registros históricos, têm-se apenas do dia da fundação. Do ano da fundação, 1946, até outubro de 2001 a Igreja Católica da Mata pertencia ao Santuário São José de Ribamar. A partir de novembro de 2001 até a atualidade pertence a Paróquia Nossa Senhora Aparecida da Vila São Luís, um bairro da cidade de São José de Ribamar. A Igreja de Santo Antônio da Mata tem missa todos os domingos e às terças-feiras tem celebração dirigida pelos responsáveis pelo Conselho da Comunidade Católica da Mata.

Na praça ocorrem também apresentação de bumba-meu-boi nas festas juninas. O bumba-meu-boi Renovador da Mata também utiliza esse espaço para concentração e saída para dançar em outros bairros. Além da igreja católica, existe uma Igreja Assembleia de Deus na Avenida Trindade e outras igrejas evangélicas estão surgindo no bairro. Logo, também se apropriam do espaço da praça para realizar cruzadas evangelísticas e festivais de lanche. A estrutura física da praça comporta aparelhos de ginástica ao ar livre para prática de exercícios físicos de livre acesso a qualquer pessoa. Embora encontre-se em uma área próxima a árvores que deixam o espaço mais agradável, o uso dos equipamentos não é prática constante,.

Figura 13 – Sede da Associação folclórica do Bumba-meu-boi Renovador da Mata Grande



Fonte: Acervo pessoal (2021)

Seguindo pela praça Santo Antônio, encontra-se a rua Jerusalém, que dá acesso à Avenida dos Agricultores e aos campos de futebol da Mata. Na Rua Jerusalém tem uma costureira que se chama Claudete. Ela trabalha em casa, faz fardamentos escolares, roupas da comissão e diretoria do boi, confecciona equipagens de futebol, faz ajustes e confecção de roupas. Ano passado, no encontro de fim de ano que fazemos em família, Claudete foi convidada e se fazia presente quando iniciamos um bate papo sobre nosso bairro Mata e as mudanças que percebemos quanto ao acesso a internet, televisão por assinatura, entrega de correspondências e transporte. Eu perguntei a ela: Claudete, tu não tens vontade de abrir uma malharia em outro lugar? E ela respondeu: *Eu não! Pagar aluguel pra quê? Só pra dizer que tenho uma malharia fora? Quero não! Tenho serviço aqui de sobra, não dou é conta! Quero ficar aqui em casa porque fico pertinho da minha neta.* E ela concluiu,

dando sua opinião sobre o transporte ainda não ser eficiente como deveria: *.E em casa não tenho problema de atraso, com esses ônibus daqui”*

Vizinha à Claudete, existe uma loja de roupas, cuja proprietária se chama Larissa, uma jovem que construiu o ponto comercial na frente da casa que mora com a mãe e o marido. Na mesma rua encontra-se também a primeira padaria do bairro. O dono chama-se Caco e mora com sua família no local do trabalho também. Saliento que a maioria das pessoas que tem comércio na Mata são moradores. Logo, o interesse comercial de pessoas de outros bairros ainda é bem incipiente, restringindo-se à loja de roupas Bianco, cuja proprietária aluga o ponto comercial na Avenida Trindade, próximo à segunda padaria do bairro, que pertence ao Pichito, que é filho do seu Neguinho (o dono de um dos *comércios*, mencionado anteriormente, que faleceu após ser infectado pelo COVID-19 em março de 2020). Desde então, a padaria do Pichito fechou e não mais funcionou.

A padaria era vizinha da borracharia e da venda de guaraná e juçara da Dona Eli. Mais à frente, também na Avenida Trindade, encontra-se a Escola Municipal Silva Rodrigues, que oferece ensino fundamental até o nono ano. Finalmente, ao seu lado há um comércio de água mineral e lanche escolar, pertencente à família da Vânia. Todas as residências da Avenida têm muros ou grades para proteção. O bairro não tem casa de taipa; todas são de alvenaria, *casa de tijolo*, como chamamos aqui no bairro.

Da Avenida Trindade, temos acesso ao Jardim Tropical, bairro de São José de Ribamar. Passando pela ponte sobre o rio Santo Antônio, há duas ruas. A primeira é a rua Nova, onde a maioria dos jovens casais, filhos de moradores do bairro, fazem suas casas para morar. Nota-se que muitos deles têm casas confortáveis e possuem automóveis. A outra rua é a Raimundo Silva, nome dedicado ao seu Dico, dono do time de futebol amador Duguay. Com sede localizada nesta rua, por muitos anos essa foi a principal fonte de lazer dos matenses. Também temos a creche Maria de Jesus Correa, que atende

crianças até os cinco anos, encerrando, assim, a oferta de ensino do bairro, pois a comunidade não é contemplada com escola de ensino médio, obrigando os jovens a estudar em outros bairros.

A Avenida dos Agricultores agora possui calçamento asfáltico e segundo seu Abdon, morador desta avenida e presidente da Associação de Agricultores, fala: *Agora aqui vai ficar bom, vamos sair da poeira, aqui vai crescer e acho que vai crescer mais do que lá na praça.* Se referindo a área mais antiga do bairro.

Nesta Avenida dos Agricultores, está o campo de futebol do São Jorge, representante do bairro nos campeonatos amadores, além dos campos particulares para aluguel. Dentre o maiores, temos o Campo do Isael, que possui quatro campos grandes e dois campos society, que são alugados por times maranhenses para treinamentos e por times locais que realizam o campeonato da segunda-feira, fora os aluguéis aos fins de semana. A área também possui um bar com piscina que funciona aos fins de semana e feriados e é utilizado pelos clientes do bar.

Existem, ainda, na mesma região, outros campos de futebol para aluguel: a Chácara Ouro Verde, que possui dois campos de futebol society, a Arena Bonfim, com um campo de grama sintética e bar que funciona todas as noites e atualmente tem shows de bandas aos fins de semana, e a Chácara Recanto Verde. Além dos campos de futebol, esses estabelecimentos também realizam aluguel para eventos diversos. Esse ramo de aluguel de campos e aluguel de chácaras vem ganhando adeptos na Mata. Quando questionei se era um ramo bom pra trabalhar, o seu Isael disse:

Basta cuidar dos campos, não deixar dar formiga e manter verdinho, bonito e limpo que tem quem alugue sempre. É um ramo bom, não temos muito trabalho como as roças e nem os ladrões que roubavam a macaxeira e a vinagreira. Achei mais vantagem.

Sua fala mostra a inclinação de abandonar o ramo de alimentos e buscar seu sustento no ramo de esporte e lazer, uma tendência verificada de uns seis anos para cá. Esse assunto será tratado com mais pormenores no capítulo 2 desta dissertação. Antes, contudo, abordarei as formas pelas quais os moradores se relacionam no bairro.

Sociabilidade Matense

Ao iniciar minha pesquisa de campo, começaram a aparecer dúvidas que ainda se faziam ausentes na época das disciplinas em sala de aula. Eu esperava encontrar na Mata tudo o que havia aprendido nas aulas sobre formação de grupos, resistências e lutas. Essas questões foram todas muito enfatizadas em sala de aula e nas leituras de textos indicados nas disciplinas cursadas. Referências como Frederick Barth (1969), uma das obras mais acionadas pelos docentes do curso, enfatizando que a identidade se fortalece nas fronteiras, me fizeram refletir muito sobre a forma como o comportamento dos matenses não parecia seguir esse mesmo fluxo sempre.

As expectativas de encontrar na Mata semelhanças ao que eu estudava no curso foram se frustrando e me deixou bem perdida. Os matenses definitivamente não se adequavam às coisas que autores como Barth diziam. Eu já estava achando que meu local de pesquisa não oferecia nenhuma questão relevante a ser trabalhada no mestrado, que pudesse dialogar com a literatura antropológica.

Foi então que tive contato com um texto do autor Roy Wagner, intitulado “Existem grupos sociais nas terras altas da Nova Guiné?”. Nesse artigo, o autor levanta

um questionamento interessante sobre tipos de “grupos” característicos deste local e sobretudo sobre a pertinência de chama-los de grupo. Embora pareça algo simples, o autor instiga o pensamento sobre o próprio pesquisador intuir relações semelhantes às que ele conhece, buscando comparações que facilitem seu entendimento em campo. O autor pede cautela na pesquisa, profundidade e entendimento verdadeiro de possíveis laços sociais. Um dos trechos de sua obra merece destaque, porque especifica situações onde “grupos” podem se formar, segue abaixo:

Outras formas de agrupar as pessoas – com base em suas semelhanças compartilhadas sejam elas especificidades de residência comum ou contígua, cooperação ou envolvimento econômico ou ecológico, genealogia ou comportamento político – podem facilmente se tornar dispositivos para criar grupos a partir de pessoas que, elas mesmas, nunca o fariam dessa forma (ou, talvez, não o fariam de forma alguma). Um povo possui grupos na medida em que, e segundo a forma como, concebe tais coisas; caso contrário, o antropólogo simplesmente “possui” as pessoas ao impor sua ideia de “grupos” a elas (WAGNER, 2010a, p.242).

Através desses escritos de Roy Wagner, pude estabelecer uma ligação entre a teoria e a prática em campo, pois os matenses apresentam laços territoriais fortes, mas internamente a formação de “grupos” sociais é ocasional. A efemeridade desses agrupamentos pareciam tornar inapropriada a ideia de identidade, tal como trabalhada por BARTH (1969), BENNETT (1973), COHIN (1974), e GLAZER (1975), por exemplo.

É verdade que existe na Mata uma associação de agricultores, que vou abordar no capítulo 3 desta dissertação. E que, além dela, há quem diga que existe no bairro uma associação de moradores. Entretanto, ninguém com quem conversei ao longo da pesquisa soube informar quem participa ou onde é sediada.

No entanto, de modo geral, é muito raro os matenses se organizarem formalmente. Algumas vezes o bairro se uniu para tomar atitudes extremas, consideradas como últimas medidas para solucionar problemas coletivos. Isso ocorreu para a proteção de terras de

roças contra o que chamam de invasores e, em outra ocasião, quando de uma onda de assaltos às residências. Algumas vezes, os matenses protestam pedindo melhorias para a estrada que é comum a todos. Inclusive, o último protesto contou com a participação da maioria dos moradores, pedindo a resolução do problema do asfaltamento e lograram êxito nas reivindicações. Entretanto, em todas essas ocasiões, assim que solucionado o problema que motivou a união dos moradores, a mobilização se desfez e todos voltaram às suas vidas habituais.

A união entre os moradores da Mata não é frequente simplesmente pelo fato de ser acionada apenas para as poucas situações que são comuns a todos. Toda essa inconstância nas relações por conta dos objetivos que almejam alcançar me faz pensar que as relações sociais dos matenses se estabelecem em outra chave, mais fluída e menos formal.

Os modos como as pessoas se relacionam e constroem laços sociais são características próprias em muitos povos. Algumas abordagens das ciências sociais privilegiam a estabilidade dos laços sociais, por meio de grupos ou na formação de identidades. Entretanto, a abordagem de Georg Simmel parece se aproximar mais do que ocorre na Mata. Para o autor, os laços de associação entre os homens é incessantemente feitos e desfeitos, para que então sejam refeitos, constituindo uma fluidez, uma pulsação que atam os indivíduos mesmo quando não atingem a forma de verdadeiras organizações (SIMMEL, 2006)

Na Mata, a formação de “grupos” não é prioridade para marcar a convivência local. São acionados por ocasiões particulares comuns e, tão logo ocorra a resolução do problema em voga, ocorre a dissolução da organização grupal. Essas características me fizeram buscar conhecer melhor os interesses dos matenses.

Os moradores da Mata não se importam de forma alguma quanto a qualquer definição ou categorias. Isso poderia ser interpretado como displicência, ignorância ou simplesmente como viver a vida sem se importar com rótulos. E esta última certamente cabe bem aos matenses, pois até seu próprio bairro Mata é chamado Mata e só, nada além do habitual, nada de bairro da periferia, nada de bairro da zona rural, nada de comunidade, nada de povoado, simplesmente eles dizem: “Eu moro na Mata”. E reafirmado, para não confundir com o bairro vizinho Matinha, se explica: “Aqui é Mata Grande” e continua-se a explicação: “Do cemitério pra cá até a ponte do Zé de Zanda é Mata, de lá em diante já é Matinha”. Assim eles informam os limites do território a quem não conhece a região para evitar que o nome do bairro Mata comporte os bairros vizinhos.

A convivência cotidiana dos moradores do bairro Mata se dá na circulação pelo bairro através da realização de atividades rotineiras, como ir a padarias, comércios locais, ir ao posto de saúde, a espera de coletivos juntos no ponto, as mães deixando os filhos na escola. Enfim, são nesses momentos que os moradores do bairro Mata interagem de forma leve e descontraída ou, outras vezes, desarmonicamente não se falam direito por não se gostarem em função de motivos diversos.

Em datas comemorativas, como em festejos da Igreja Católica, em cruzadas evangelísticas e festivais de música e lanche, mas também nos encontros de fim de semana em bares locais nos campos de futebol, as famílias matenses costumam se reunir. Enquanto o pai joga futebol, a mãe e as crianças se divertem à beira do campo, assistindo o jogo e bebendo e comendo nos barzinhos e lanchonetes. Atualmente, essa é uma das formas de interação mais frequentes das famílias matenses.

Além disso, têm-se as vaquejadas, que vêm tomando grande proporção no bairro e nas proximidades. As estruturas das vaquejadas vêm conquistando a simpatia dos

jovens, que exibem carros de som potentes e apreciam a derrubada de bois pelos vaqueiros que disputam prêmios.

Os festejos de Santo Antônio da Igreja Católica (Figura 14) acontecem no início de Junho e se encerram dia quatorze do mesmo mês, um dia após o dia do Santo Antônio, 13 de junho. O festejo conta com pessoas da comunidade da Mata e bairros vizinhos como “noitantes”. Os noitantes são responsáveis em anunciar a reza com foguetes e doação de mingal de milho para os participantes da rezas e missas. Na década de 1990, lembro que sempre havia disputas entre os noitantes do bairro, em relação aos foguetes. Quando se colocavam foguetes ao longo do dia, eram considerados mais poderosos e preocupados com o sucesso da sua noite, chamando mais devotos de Santo Antônio e enchendo a igreja de fiéis. Os noitantes que pouco colocavam foguetes, ou simplesmente não os colocavam, não tinham apelo para chamar muitos fiéis.

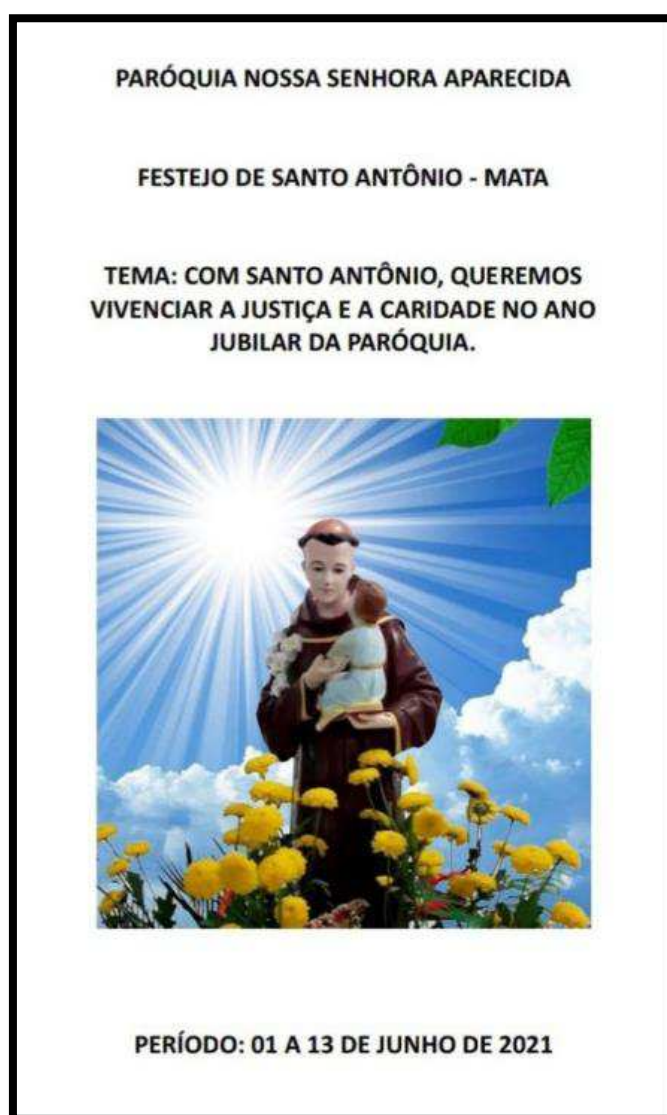
Figura 14 – Igreja Católica em festa preparada para procissão do Santo Antônio.



Fonte: Acervo do Autor no mês de Junho de 2021.

Os festejos de Santo Antônio duram, portanto, uma semana (Figura 15) e culminam na praça, com a derrubada do mastro, todo enfeitado com frutas, brinquedos e, no alto, uma bandeira. Segundo a tradição, quem pegava essa bandeira seria responsável em doar o mastro nos festejos do próximo ano. Essa é uma festa bem animada, com muitas crianças aguardando as frutas e brinquedos e muitos adultos bebendo ao som de charangas enquanto, com um machado, tentam derrubar o mastro.

Figura 15 – Panfleto do festejo da Igreja Católica de Santo Antônio



Fonte: Antônio Roberto, integrante da Igreja (2021)

É importante destacar a presença da comunidade do Santana nos festejos de Santo Antônio na Mata. Era essa comunidade que tomava a frente nas ladainhas e cânticos de derrubada do mastro, com tambores e charangas cantando e dançando músicas alegres. A comunidade do Santana contribuía, assim, para uma festa mais bonita e alegre. Eles chegavam à tarde, todos em cima de caçambas, e, quando desciam, víamos os homens com roupas coloridas e as mulheres com saias rodadas. Esta comunidade do Santana luta hoje, em 2021, por seu reconhecimento como remanescente de quilombo.

Na Praça da Mata também acontecem as Cruzadas Evangelísticas. Elas são promovidas pela primeira Igreja Evangélica do bairro, Igreja Assembleia de Deus. Uma vez ao ano, monta-se um grande palco e centenas de cadeiras são postas para Cultos e shows de cantores gospel durante três dias. Nesses dias, há venda de lanches, apresentação de corais e apresentação de danças coreografadas. Além disso, brinquedos infantis são montados na praça, fazendo com que a movimentação de crianças seja muito grande.

As demais festividades que costumam reunir as pessoas na praça da Mata não promovidas por igrejas. Trata-se do carnaval e São João. O carnaval e o Boi Renovador da Mata Grande (cujas apresentações ocorrem no São João) sempre foram organizados pela família Veloso. A finada professora Célia tomava a frente dessa organização, junto com seu pai, Albino, também falecido, e os demais filhos e netos. Hoje, todos eles encontram-se de luto por seus parentes falecidos e, por causa da pandemia, as festividades estão suspensas por tempo indeterminado.

O boi da Mata era uma representação cultural muito forte até a década de 80. Conversando com alguns moradores, pude perceber a importância que essa festividade

ocupava no bairro. Segundo eles, em 1983, uma tragédia aconteceu e trouxe consequências negativas para toda a comunidade.

Primeiramente os colaboradores não tiveram interesse em reportar seus nomes por envolver polícia e mortes. Um moradora de 53 anos e um trabalhador da Escola do Bairro que na época morava na Maiobinha (bairro próximo) e hoje reside em outro bairro contribuíram com minha pesquisa. Ambos relataram a mesma história, ela como moradora e ele como visitante da festa.

Nas festividades de morte do boi da Mata no ano de 1983, comunitários e, em especial, a minha colaboradora que vou chamar de Maria, contam que um homem chamado Domingão trabalhava nos preparativos da festa. Ele era integrante do boi e fazia consertos, reparos de última hora em instalações etc. Ao realizar suas tarefas, foi abordado por um jovem policial militar chamado Arimatéia que, por observá-lo com uma faca, foi revista-lo para lhe retirar a faca. No entanto, segundo os relatos, tal utensílio era usado para as atividades de Domingão na área da festa.

A abordagem do policial foi violenta, Domingão não se rendeu aos pedidos do policial para lhe entregar a faca, os moradores reforçavam que ele era gente direita do bairro, pra deixar ele em paz, mas o policial entendeu como desacato, gerando uma confusão muito grande com Domingão e com os moradores, que começaram uma briga.

Em meio à confusão generalizada, o policial Arimateia foi morto a pauladas, cadeiradas e até facadas, gerando um conflito grandioso entre a população da Mata e outros policiais, quando estes souberam da morte de Arimateia. O pânico se instalou na região quando, em represália, policiais armados compareceram no bairro para vingar a morte do companheiro.

O meu colaborador, que estava na festa como visitante vindo do bairro da Maiobinha, relatou que, quando os carros cheios de policiais chegaram, foram intimidando todos que estavam no local e dando tiros. Todos correram, com medo, e os policiais buscavam o causador do conflito. Apontado por um dos policiais, que o cercaram, Domingão correu para a casa de seu Luciano e Dona Lurdes, que era uma casa com um quintal bem grande onde acontecia a concentração do Boi da Mata. Domingão entrou na casa fugindo da polícia, mas foi assassinado na cozinha com vários tiros.

Em seguida, os policiais alvejaram outros moradores, chegando a matar um jovem chamado Edvaldo, que pertencia ao exército e defendera Domingão na briga inicial. Edvaldo pertencia à família Veloso, uma das que mais têm prestígio no bairro até os dias de hoje. Além deles, outros moradores se feriam. Outras pessoas, ainda, que estavam na festa foram alvejadas e correram para o mato, onde foram encontradas mortas. De acordo com os relatos, foi uma verdadeira chacina policial.

Segundo relatos de Maria, por muitos dias o exército ficou de campana na Mata para proteger a população que estava em pânico da polícia. Depois destas mortes, o Boi foi extinto, tendo sido aquele trágico ano de 1983 o último ano que brincou. Tal tragédia deixou, ainda, um estigma ao bairro, considerado agressivo, um lugar de pessoas violentas e bárbaras.

Maria ainda reforça:

Nosso bairro ficou mal falado sem culpa. O Domingão não fez nada para ser morto, o Arimateia começou toda a confusão e os policiais ainda vieram matar todo mundo.” Hoje nosso bairro era pra ser famoso com nosso boi, vinham muitas pessoas prestigiar nosso lugar, muitos turistas, e tudo se perdeu com essa chacina.

Quando eu converso e pergunto por registros fotográficos desse tempo, são muito raros, a única foto que consegui foi cedida por minha tia Lourimar que, segundo ela, data

da morte do boi da Mata de 1981. A foto foi tirada quando ela tinha 15 anos e era uma das meninas do cordão (Figura 16).

Figura 16: Meninas que faziam cordão de isolamento na morte do boi da Mata



Fonte: Acervo de Lourimar do Carmo (1981)

Ela conta com muita satisfação que as meninas do cordão eram peças importantes do Boi. Eram elas que faziam a divisão entre o público e os brincantes que estavam se apresentando e encenando a morte do boi junto ao morão. A história contada é que o boi era capturado após dançar pela cidade. Quando ele chegava de passar a noite dançando e ficava recluso num terreiro de alguém e próximo a hora da festa ele era capturado e levado para ser amarrado junto ao morão, uma árvore seca enfeitada que ficava localizado no terreiro do boi para acontecer a tradicional morte.

Toda a encenação era acompanhada pela plateia atenta, tiravam fotos dos brincantes e das moças do cordão também. Segundo Lourimar, que vivenciava uma moça do cordão na época me relatou:

Nos sentíamos estrelas, muitas fotos, tinham turistas que iam assistir, era muito bom, foi um tempo muito bom. Nós ensaiávamos e no dia vestimos essa roupa para nos identificar, na camiseta tem a sigla ARFM que significa Associação Recreativa Folclórica da Mata.

Como afirmei anteriormente, esta fotografia pertence a Lourimar e data do ano de 1981. Ela reforça que, após essa foto, o boi ainda ocorreu nos anos de 1982 e 1983, a fatídica festa em que ocorreram as mortes que findaram com a primeira formação do boi da Mata. Tempos depois, nos anos 2000, houve a fundação do boi Renovador da Mata Grande. Embora tenha surgido novamente, ele não obteve sucesso como os dos primeiros anos.

Há, entretanto, uma atividade que atualmente reúne a maioria das pessoas na Mata: o futebol, particularmente quando envolve os times locais. O fato de assistir aos jogos gratuitamente certamente contribui para a popularidade desse esporte no bairro. Aproveito para salientar o sucesso daqueles que investiram nos campos de futebol como fonte de renda local, pois compreende um esporte muito difundido e os jogos são frequentes.

O mais importante a destacar sobre a relação dos matenses com o futebol é que, além de um esporte democrático, reporta um senso de pertencimento. Tem-se orgulho de jogar e torcer para os times da Mata pois são vitoriosos e nas disputas tem uma torcida conhecida pela irreverência e alegria de torcer das mulheres. Geralmente são mães, irmãs e esposas de jogadores que levam entusiasmo e alegria às beiras de campo. Quando os jogos são realizados fora do bairro Mata, uma das frases mais faladas é: “*Esse aqui é o*

melhor... esse é da Mata!” e, neste momento, é acionada uma identidade do bairro através do futebol.

A reflexão que trago sobre o conceito de pertencimento está muito mais atrelado ao sentido de fazer parte de algo, de um lugar e orgulhar-se de fazer parte, defendendo-o de críticas de “outros”. O futebol funciona, na Mata, como um marcador de fronteira entre “nós” e os “outros”.

Figura 17: Time do Duguay na década de 1980



Fonte: Desconhecida

De imediato, remeto às relações intrabairro de outrora, que foram cheias de rivalidade entre dois times: São Jorge e Duguay (Figura 17). As equipes competiam entre

si, mas uniam-se para competir contra outros bairros de São José de Ribamar no campeonato municipal. Nessas ocasiões, uma seleção dos melhores jogadores de cada um dos dois times era realizada a fim de competir com bairros de fora, promovendo uma torcida única pelo bairro Mata.

Atualmente, o time de futebol Duguay deixou de existir. Era um time de família e, após a morte do Seu Dico, o proprietário do time e do campo de futebol, a família decidiu encerrar a história do time. Restam muitas lembranças com quem conversamos e algumas raras fotos como esta, abaixo (Figura 18), que retrata bem o lazer das tarde de domingo à beira dos campos de futebol, levando crianças para se divertir, torcer, consumir “suquinhos” assistindo o jogo.

Figura 18 – Crianças à beira do campo do Duguay enquanto o time joga ao fundo na década de 1990



Fonte: Acervo pessoal de Lourimar do Carmo

Lembro-me bem que nós crianças gostávamos muito de ir aos campos para brincar com as outras crianças e, no intervalo do jogo, correr dentro do campo brincando de bola. Quando o Duguay findou-se, o São Jorge Futebol Clube se tornou o único time de futebol da Mata por um tempo. Entretanto, o gosto dos matenses pelo futebol fez surgir novos times para disputas em campeonatos isolados.

Há cerca de cinco anos, os matenses têm redesenhado o futebol local. Criaram um campeonato que é realizado às segundas-feiras. Mesmo sendo em dia da semana, os jogos mobilizam muitos torcedores e mais times locais temporários vêm surgindo desse novo formato de inclusão do lazer fora os sábados e domingos. O Campeonato de segunda-feira (Figura 19) foi criado pelo Edilson, um senhor de meia idade, funcionário público, casado, pai de duas filhas e dono do time de futebol chamado Dinos, que realiza jogos no período deste campeonato.

Figura 19 – Jogo do campeonato de segunda-feira



Fonte: Acervo pessoal do autor, 2020

Este campeonato já encontra-se inserido no calendário de esportes do município. Nas cerimônias de encerramento do campeonato, conta até com a presença de lideranças do esporte municipal. Em suma, a comunidade abraçou a ideia criativa para interação local e a estratégia vem sendo bem sucedida, pois se tornou um sucesso de público.

A torcida dos matenses pelos seus times se intensifica ainda mais quando a disputa se dá contra equipes de bairros visitantes. É, ainda, nessas ocasiões que alguns moradores se apropriam do futebol para se firmar como matenses, demonstrando que têm orgulho do bairro que vivem, demonstrado em falas como: “*A Mata é diferenciada, tem jogo dia de segunda-feira e dá muita gente! Duvido por aí ficar desse jeito*” (Fala do jovem Welisson), ou “*Eu não troco a Mata por lugar nenhum*” (Fala do Sr Neguinho).

* * *

Neste capítulo, vimos algumas características gerais da Mata. Procurei descrever sua paisagem e a forma como é habitada. Também apresentei o modo como os matenses costumam se relacionar entre si, as opções de lazer, a religiosidade, a cultura do bumba-meu-boi, do futebol e as ocasiões em que o pertencimento àquele território é acionado. No capítulo seguinte, abordarei as transformações que ocorreram na Mata ao longo dos últimos quarenta anos, que resultaram na paisagem que descrevi acima.

CAPÍTULO 2 - URBANIZAÇÃO

Em uma época em que os estudos urbanos estavam ainda em formação, o autor Louis Wirth (1938), em seu texto “O urbanismo como modo de vida”, faz todo um apanhado histórico sobre as cidades, número de habitantes, modo de vida e discute arbitrariedades para classificar comunidades urbanas e rurais. Mas salienta que um dos fatos mais importantes dos tempos modernos é o crescimento das cidades e a urbanização. No entanto, o autor faz reflexões sobre as arbitrariedades para designar o urbano e o rural e cita a quantidade de pessoas por metro quadrado para mostrar que isso é algo muito relativo.

O superficialismo, o anonimato, e o caráter transitório das relações urbano-sociais explicam também a sofisticação e a racionalidade geralmente atribuídas ao habitante da cidade (WIRTH, 1938). Redfield (1947), por sua vez, a partir de pesquisa de campo em uma comunidade mexicana, definiu “sociedade folk” como o oposto às sociedades urbanas definidas por Wirth:

uma comunidade de menor tamanho caracterizada pela predominância das relações face-a-face, pela força estruturante das relações de parentesco, pela centralidade do sagrado e pela homogeneidade existente entre indivíduos, normas, valores e crenças [Redfield 1947]. (BEMERGUY, 2019)

Essa oposição levou a se pensar em termos de “continuum folk-urbano”, a partir do qual as sociedades passaram a ser classificadas como rurais ou urbanas com base nas definições correspondentes que cada um desses autores apresentou. Apesar de muitos estudos de comunidade se inspirarem nesse paradigma, muitos antropólogos urbanos

criticaram essa dicotomia (VELHO e MACHADO, 1976; OLIVEN, 1980; FRÚGOLI, 2005; AGIER, 2011; MAGNANI, 2013).

Na Mata, reinam ainda algumas características de um bairro rural. O anonimato, por exemplo, é bem difícil de acontecer, pois as relações de parentesco nos remetem a conhecer as pessoas por intermédio familiar. Os jovens geralmente são conhecidos pelos mais velhos como filho ou neto de alguém conhecido de uma determinada família.

Dentre as mais difundidas no bairro, temos a família Veloso, que apresentam uma quantidade muito grande de parentes, os Machado, que foram donos de comércio no passado e são na maioria evangélicos e sempre frequentavam a Igreja Assembleia de Deus fundada na Mata pelo seu Chico Cunha. Destacam-se, ainda, as famílias Trindade, Matos, Leitão, Costa, Meneses, os parentes do Zé Corina, os pernambucanos e a família Lucena a qual meu pai pertence. Geralmente, os enlances matrimoniais se dão entre essas famílias. A maioria dessas famílias tem origem no interior do Maranhão ou de outros Estados, como Pernambuco.

Até a década de 1990, a principal atividade produtiva na Mata era a agricultura. Alguns produtores levavam suas mercadorias para serem vendidas no Mercado Central de São Luís e na feira do João Paulo e a produção das roças do bairro contribuía para o abastecimento da cidade de São Luís.

Na época, os matenses utilizavam da técnica de corte e queima, pois havia disponibilidade de terras suficiente para o uso dessa técnica, a nomenclatura da técnica foi atribuída no decorrer das falas com as explicações de como de realizam as roças. Como bem relatou Seu Bento:

Aqui na Mata tinha muita terra, a gente pegava uma área de terra e ia roçar. Eu perguntei: mas como vocês faziam isso? Ah, era simples... escolhia a área e batia

o mato grosso com facão e foice, depois tirava os tocos e roçava o mato baixo com facão. Depois deixava o mato secar pra tocar fogo. Depois da roça queimada só nas cinzas agente plantava as sementes de maxixe, de quiabo e vinagreira.

No entanto, com a chegada da área urbana próximo as roças, esta prática do corte e queima foi sendo deixada de lado. Nas palavras do Seu Bento, *As terras ficaram pouca, a gente ficava na mesma roça porque não tinha mais como mudar de terra*. E o que o senhor acha que fez isso acontecer? Digo, as terras diminuírem? Ele respondeu:

Minha filha, depois da chegada da Cidade Operária ali, porque chamou mais gente pra morar aqui perto, é lógico! Aí foram tomando conta das terras e crescendo, surgiu a Santa Efigênia, o Jardim América e a Cidade Olímpica que hoje tá tudo do jeito que tá.

O processo de ocupação desordenado na área da Mata continua mesmo com a escassez de terras devolutas, pois os terrenos cercados sem morador ou plantio estão sendo “invadidos” (de acordo com a perspectiva dos matenses) e tomados pra construção de moradias precárias, construídas umas coladas às outras por pessoas que, conforme alegam, não tinham onde morar.

Ocupação de terras da Mata

O crescimento urbano no Brasil, até meados dos anos 70, acontecia do centro para a periferia e, com o avanço dos anos, tem início o processo de urbanização dispersa, onde começaram a surgir pequenos aglomerados isolados com implantação de indústrias, condomínios residenciais fechados, universidades, etc., tendo como acesso as rodovias.

Logo, as pessoas começaram a buscar estudo em regiões mais afastadas dos centros urbanos e moradias mais seguras e com possibilidade de aumento da qualidade de vida. Mas isso se tornou tão crescente que os problemas de centros urbanos se repetem nessas áreas devido a circulação de pessoas e mercadorias (ALVES *et al.*, 2009)

O processo de ocupação dos municípios da Ilha do Maranhão nos últimos 40 anos resultou da expansão imobiliária, exploração mineral e vegetal por empresas de grande porte, maior aporte humano necessitando de moradia buscando ocupações desordenadas em áreas devolutas, as chamadas invasões de terras, acarretando uma perda de área vegetal em cerca de 29%. Acrescenta-se, ainda, que houve um aumento de área ocupada e solo exposto da Ilha do Maranhão, onde São Luís obteve um aumento de 61%, com o sentido de ocupação para os municípios circunvizinhos. Isso demonstra que o processo de urbanização passa a envolver localidades próximas, colocando-as no eixo central de ocupação, por possuírem terrenos mais acessíveis e com diversas facilidades para compra e revenda, além de impostos mais baratos (MASULLO, 2014; FERREIRA, 2003).

Especula-se que a crescente expansão urbana da área da Mata se deve por apresentar terrenos mais acessíveis à compra e venda. Além da Capital em expansão outros municípios entraram na rota de demanda por moradia, seguindo o fluxo natural de expansão, onde se busca proximidade dos centros urbanos por conta de trabalho, seja formal ou informal, e também pelo custo de vida ser mais baixo em áreas periféricas. Neste caso, se insere o município de Paço do Lumiar que, em 18 anos, obteve uma ampliação da sua área ocupada e solo exposto equivalente a 133%, seguido por São José de Ribamar, com 83%, e Raposa, com aumento de 60%. Dentre estes municípios, apenas Raposa não contempla em sua área a bacia hidrográfica Santo Antônio (MASULLO, 2014; FERREIRA, 2003).

Como o Rio Santo Antônio nasce no bairro Cidade Operária, vale citar a dinâmica de ocupação deste bairro, que se deu em três fases. De 1976 a 1981, foi a primeira fase. Nela, ocorreu a devastação da vegetação original em algumas áreas em decorrência do assentamento do povoado Parque Zelândia, onde os moradores praticavam a agricultura de subsistência em terraços e encostas fluviais³. Nesta fase, haviam impactos gerados pelas queimadas, que afetaram os solos, mas as bacias hidrográficas encontravam-se preservadas (SOUSA *et al.*, 2006; DIAS, 2004; DIAS E FERREIRA, 2004).

A segunda fase se dá nos anos de 1981 a 1988, quando se inicia o processo de construção do Conjunto Habitacional Cidade Operária. Nessa fase, ocorreu a devastação de 860 hectares de terras, o que comprometeu a área com danos ambientais irreversíveis. Isso porque a terraplanagem da área ocasionou mudanças morfológicas onde se localizavam as cabeceiras de drenagem pré-existentes, causando assoreamento dos cursos d'água. Ocorreu também o aterramento de áreas de nascentes de tributários do rio Santo Antônio e Paciência, além de a impermeabilidade causada pelo asfaltamento do solo e construção de casas aumentarem o escoamento superficial e diminuir a infiltração. Finalmente, a apropriação da área pelos moradores do Conjunto Habitacional a partir de fins de 1986 causou a poluição das bacias do rio Paciência e Santo Antônio pelo lançamento de efluentes domésticos.

A terceira fase se iniciou em 1988 e compreende os dias atuais. É quando a ocupação do entorno do conjunto cidade Operária continua trazendo agravantes na área das bacias hidrográficas, sem qualquer intervenção do Estado no sentido de viabilizar melhorias após as intervenções ambientais que se intensificam ao longo do tempo e cada

³ Considera-se agricultura de subsistência aquela que é destinada, majoritariamente, mais ao próprio consumo. Os terraços e encostas fluviais definem as plantações próximas ao curso dos rios, de modo a facilitar a irrigação.

dia estão mais perceptíveis pelo fato das demandas habitacionais crescerem constantemente (SOUSA *et al.*, 2006; DIAS, 2004; DIAS E FERREIRA, 2004).

A pesquisa desenvolvida sobre uso e ocupação do solo na Bacia Hidrográfica Santo Antônio que comporta o bairro Mata e adjacências obteve como resultado decréscimos de área verde nos anos de 1984 a 2014, conseqüentemente poluição e assoreamento do rio Santo Antônio que configurou possivelmente uma questão de prejuízos ambientais e econômicos aos bairros atingidos. É importante destacar que os prejuízos econômicos mencionados derivam imediatamente dos prejuízos ambientais, já que a principal atividade produtiva da região era a agricultura e ela foi prejudicada pelos danos ambientais.

A partir da década de 1990, ocorreu a ocupação de terras nos arredores da Mata, com o surgimento de bairros como Jardim América, Geniparana, Janaína, Santa Efigênia, Jardim Tropical e Cidade Olímpica. Muito populosos, esses bairros atraíram para a periferia centros comerciais, feiras livres, supermercados, escolas, clínicas particulares e, com isso, transporte coletivo e asfaltamento de avenidas. Trouxeram, também, enfim, acesso a serviços e empregos nas proximidades do bairro.

Outro fator que influenciou na crescente circulação de pessoas no bairro da Mata se deve ao conjunto habitacional Nova Terra, que foi entregue nos anos de 2013, gerando mais fluxo de pessoas para o transporte coletivo e todo um contingente de alunos para utilizar as Escolas de Ensino Fundamental da Mata. Devido às mais de quatro mil moradias do conjunto, novas linhas de transporte coletivo foram criadas e perpassam o bairro da Mata em direção ao terminal São Cristóvão e ao terminal da Cohab. Foram também geradas também linhas de transporte (vans) com saída do conjunto Nova Terra em direção à Cidade Operária, também passando pelo bairro Mata. A urbanização trouxe, portanto, um fluxo intenso de transporte coletivo e individual. Além do transporte

coletivo, o fluxo afetou no quantitativo de vagas escolares. O conjunto Nova Terra não dispõe de Escolas públicas e, assim, toda demanda dessas quatro mil moradias pressiona as vagas dos bairros vizinhos, da Matinha e Mata. Isso faz com que as escolas municipais fiquem lotadas sempre, com uma demanda intensa de vagas e impossibilitando o atendimento a todos que precisam.

A Escola Dunches de Abranches, localizada na praça da Mata, apresenta um percentual de cerca de 60% de suas matrículas de alunos do conjunto Nova Terra. As matrículas correspondentes aos 40% são destinadas aos alunos da Mata, Matinha, Jardim Tropical e Santana. Logo, a Mata recebe uma grande demanda por escola de alunos de bairros vizinhos.

O processo de urbanização é constante, ainda vem acontecendo muitas ocupações nos poucos terrenos grandes que restam na Mata. Já no início do ano de 2021, houve uma ocupação de um grande terreno próximo ao cemitério da Mata. Mesmo tratando-se de um terreno totalmente murado e com uma residência construída dentro dele, os ocupantes derrubaram parte do muro e construíram moradias precárias com o intuito de se tornarem donos dos lotes ocupados. No entanto, no dia 23/08/2021 a polícia foi acionada pelo proprietário para ação despejo dos ocupantes (Figura 20). Todas as famílias foram despejadas do local e as moradias derrubadas. Mas nem sempre esses processos de ocupação têm esse desfecho. Semelhantes a esta ocupação, muitas outras começaram assim e hoje se tornaram bairros periféricos nas proximidades da Mata.

Figuras 20 (A e B) – Derrubada de barracos e desocupação de terreno no bairro da Mata



Fonte: Acervo pessoal, 2021

Esse tipo de ocupação se tornou frequente na Mata e suas proximidades. Algumas vezes, a instalação se consolida, outras vezes, não. Mas esse processo de interação entre homem e a solo antes era mais simples há algumas décadas, quando havia muita terra e pouca gente, havia espaço pra moradia e roças. Hoje, há muitas pessoas sem ter onde morar e buscando opções. Dentre elas, realizam ocupações que, em sua maioria, se dão em espaços particulares. Os proprietários desses espaços dificilmente perder seus bens, o que resulta na instauração de um clima conturbado e propicia conflitos mais frequentes entre polícia e “invasores” de terras.

Desde meados de 2014, existe uma ocupação na Mata chamada Cedro e outra, nas extremidades do bairro, chamada de Piquizeiro. O Cedro surgiu da ocupação de dois terrenos grandes que ocupavam uma área com limites para duas avenidas. A frente dos terrenos era na Avenida Trindade e o fundo na Avenida dos Agricultores. Quando aconteceu a ocupação, os moradores do bairro não achavam que perduraria. Parecia algo que seria revertido e logo os donos voltariam a ter a posse das terras.

Entretanto, os ocupantes chegaram bem informados nos locais que ocuparam. Sabendo que o dono não tinha documento e, portanto, dificilmente conseguiria provar que era proprietário, “invadiram” a área para construir suas casas. Formaram-se, assim, duas ruas com os novos moradores e uma estética de habitações que destoava das demais ruas do bairro. O Piquizeiro, por sua vez, foi sendo ocupado aos poucos. Os novos moradores foram chegando e tomando posse das terras que, de seu ponto de vista, eram “sem dono”, mas da perspectiva dos antigos moradores diziam respeito a áreas anteriormente trabalhadas por agricultores da Mata. Outra transformação visual se estabeleceu, na medida em que sítios cheios de árvores foram substituídos por casas pequenas e coladas umas às outras, ocupando todo o solo.

Atualmente o Prefeito Dr. Júlio Matos realizou a compra das terras para doação às famílias, uma vez que o dono de uma parte das terras reivindicou a reintegração de posse de suas terras. Diante do acordo, os moradores do Cedro da Mata continuarão com suas moradias e o antigo dono será ressarcido. Como frisei acima, algumas ocupações são bem sucedidas e outras não. Se a ocupação recente logo foi abortada, os moradores do Cedro e Piquizeiro conseguiram o objetivo de permanecer no local.

“A Mata tá desenvolvendo”

Quando pensamos em desenvolvimento, pensamos em asfalto, escolas, transporte, serviços de saúde, etc. Essa é uma realidade mais próxima da Mata nos últimos anos, pois vem sendo disponibilizado aos seus moradores maior acesso a serviços básicos para sobrevivência. Hoje a Mata possui uma creche, um jardim de infância, uma Escola de 1º ao 5º ano e outra de 6º ao 9º ano, um total de 4 escolas públicas para públicos diferentes. Mas nem sempre foi assim, a primeira Escola da Mata foi a Escola Dunches de Abranches.

A Escola Municipal Dunches de Abranches não contém placa ou qualquer registro que comprove sua fundação. Segundo LUCENA (2007) e COSTA (2016), que coletaram depoimentos de comunitários antigos e ex-funcionários da escola, em seus trabalhos revelaram que a Escola foi construída em 1946, no governo de Sebastião Archer da Silva, e teve como a primeira diretora/professora a senhora Dulce Barros Batista, que residia no bairro da Alemanha em São Luís – MA. Nesta época, não havia transporte na comunidade e ela morou na própria escola durante um bom tempo, fazendo amigos na comunidade.

Naquele período, o ensino oferecido era o antigo primário, o que entende-se hoje como ensino fundamental de 1º ao 5º ano.

A escola passou um tempo desativada por motivos de deterioração, mas também por não existirem professoras na comunidade. Todas que lecionaram antes de desativar a escola eram de São Luís e do centro de São José de Ribamar. Passado um tempo fechada, a escola reabriu através da ajuda de Salustiano Trindade, um ex-combatente da 2ª guerra mundial que veio morar na localidade em 1966. Ele também conseguiu as primeiras professoras leigas da própria comunidade para trabalhar no Dunches de Abranches, entre elas Donaria Maria Rodrigues Santos, Mariana Almeida Pereira de Sousa e Aldenira Trindade de Sousa. Elas lecionaram até 1980, quando chegaram, por intermédio da Prefeitura de São José de Ribamar, as professoras normalistas para lecionar: Albenides Nogueira, Maria Luiza Machado, Natalina Pereira, Albertina Vilar, Maria das Graças Ferreira, Maria da Glória Cruz, Domingas Ribeiro e Francinete Machado.

Depois da Senhora Dulce Barros Batista, assumiu a direção da escola a senhora Cândida Padeiro, Joana Damasceno, Maria José Barros Ferreira, Maria Leila Viegas, Oferlina Sousa Ribeiro, Maria de Jesus Correia Cunha, Maria Glória da Silva, Maria Joana Silva de Lucena e Lucinete Trindade Veloso.

Durante muitos anos a escola permaneceu funcionando como unidade escolar, pois fazia parte da rede Estadual de Ensino do Maranhão, recebendo o reconhecimento do ensino fundamental de 1ª a 4ª série, pela resolução nº 142/98 CEE e transformada em unidade integrada por força do decreto nº 19.669 de 25 de junho de 2003. No ano de 2017, a Escola se municipalizou, sendo credenciada a renovação de funcionamento como Escola Municipal Dunches de Abranches por intermédio da Resolução N° 121/ 2017 – CME.

Lembro-me muito bem quando estudei na escola Dunches de Abranches. Nesta época, os pais deixavam seus filhos irem sozinhos pra escola com sete anos de idade apenas, quando eram os alunos da primeira série. Os demais também iam sozinhos e nada de mal os acontecia. Pelo contrário, se divertiam com muitas brincadeiras antes de tocar a sirene da entrada. Os pais confiavam de deixar os filhos andarem sozinhos para a escola porque todos no bairro se conheciam e uns cuidavam dos outros e, principalmente, dos filhos dos outros. Raramente andavam pessoas desconhecidas no bairro e, se acontecia, todos ficavam atentos aos passos dos “forasteiros”. Além do cuidado coletivo, havia muito respeito também. Sempre fomos instruídos a respeitar os mais velhos e os obedecer. Assim as outras crianças também o faziam, de modo que ninguém desrespeitava ou respondia para as pessoas mais velhas da comunidade, sendo ou não nossos pais. Era dessa forma que nossos pais nos instruíam.

Eu e minhas amiguinhas da época brincávamos de elástico na pracinha em frente à escola, no horário da entrada e no da saída. Por isso, apesar de o horário de entrada ser às 13h15, chegávamos às 12:30 para brincar. Na saída também fazíamos o mesmo processo. Era uma sensação muito gostosa, as brincadeiras nos faziam muito felizes. Os meninos brincavam de cola e descola, além de esconde-esconde, brincadeiras onde a correria era maior. Ninguém tinha bicicleta, patins, celular, ou tablets e nem ganhávamos recompensa quando passávamos de uma série para outra, afinal era nossa obrigação estudar e ganhar boas notas.

Na Escola, respeitávamos a professora e todos os funcionários e tínhamos amigos para brincar e conversar. Diante de tudo isso, mas também muito incentivados por nossos pais pra sermos “alguém na vida”, gostávamos muito de ir para a Escola. Esse termo, “ser alguém na vida”, estava diretamente relacionado a ser um bom aluno e conseguir um emprego no futuro por intermédio dos estudos.

Morar na Mata e avançar nos estudos implicava necessariamente necessitar de transporte, e isso era uma barreira. Na década de 1990, eu era criança eu usava o coletivo apenas para ir ao centro com minha mãe para fazer compras de roupas e calçados, o que ocorria no máximo uma vez ao mês. Íamos no primeiro ônibus da manhã e voltávamos no ônibus de meio-dia. Demorava, mas os ônibus passavam certinho nesses horários. No final da década de 1990, a rota até o Centro aumentou o número de viagens diárias, o que nos deixou muito contentes, pois tínhamos um pouco mais de opções de horários para sair e voltar para casa.

Nessa época, eu cursava o ensino médio no CEGEL, instituto de ensino localizado no Canto da Fabril. Iniciei em 1999 e concluí em 2001. Como sempre estudei à tarde, eu esperava o ônibus passar ao meio-dia com destino ao centro. Geralmente, eu chegava no colégio às 12h50. O percurso era bem demorado e, quando ocorria algum problema com o ônibus e ele não passava no horários previstos, eu precisava caminhar até o bairro do Jardim Tropical para pegar o coletivo de lá. Eu, como vários dos meus conterrâneos que avançavam os estudos, vivemos essa rotina durante os três anos do meu ensino médio.

Mas tudo mudou quando, em meados de 2003, a linha de ônibus da Mata foi inserida no Terminal de Integração do São Cristóvão. A partir de então, o ônibus passou a percorrer apenas o percurso até o terminal, conseguindo realizar mais viagens e dando a oportunidade de seguir por outras rotas. A partir dessa época, o acesso ao transporte passou a ser mais eficiente. Assim, mais estudantes e trabalhadores passaram a se deslocar por meio dos coletivos.

Essas transformações nas dinâmicas dos transportes coletivos foi vivenciada pelas pessoas da minha geração (que temos têm idade de 30 a 40 anos). Essa mesma geração presenciou muitas outras modificações, além da ampliação dos meios de comunicação e

locomoção, e eu consigo perceber a importância de todas essas transformações para a formação da minha identidade individual.

Minha mãe sempre contava história da Mata de quando ela era jovem e a energia elétrica era bem precária no bairro. O uso de lamparina abastecida com querosene era frequente e comprar querosene era a função da filha mais velha. Em meados da década de 1970, quando havia interrupção de energia, passava-se cerca de uma semana para o seu reestabelecimento. A quantidade de dias para o reestabelecimento se dava pela dificuldade de os serviços de manutenção tomarem conhecimento da situação e o reparo entrar no seu cronograma de manutenção. A energia elétrica fazia mais falta pela escuridão a noite, uma vez que poucas casas possuíam televisão.

A comida era, em sua maioria, comprada no dia de cozinhar, no bairro mesmo. Tratava-se, por exemplo, do porco que algum vizinho matava e vendia a carne. Sempre tinha quem vendesse carnes frescas. Só na década de 1980 as famílias começaram a ter geladeiras em suas casas. Antes disso, a água era do pote ou do filtro de barro, vinda direto do poço do quintal. Com o passar do tempo, foi disponibilizada água encanada. Ao longo das décadas de 1980 e 1990, com o avanço do uso de eletrodomésticos, os serviços de fornecimento de energia também melhoraram e as interrupções diminuiram bastante.

Lembro bem da época que não tínhamos coleta de lixo na Mata. Era corriqueiro que as famílias tivessem um “barreiro” no fundo do quintal, onde se depositava o lixo doméstico, as folhas secas das árvores, que eram queimados quando acontecia muito acúmulo de material. Atualmente, o carro de coleta de lixo passa as três vezes por semana, mas a tradição de queimar material vegetal no quintal continua. Após a limpeza, retirando folhas ou realizando podas de árvores, espera-se ficar seco e queima-se todo o material. Quando, finalmente, a coleta de lixo se iniciou nos anos 2000, cogitamos que a fumaça

frequente no bairro na época seca fosse diminuir, mas infelizmente mesmo com a coleta de lixo, não se perdeu o hábito de realizar queimadas no quintal.

O crescimento do bairro e as mudanças dele decorrentes foram experienciados pela geração que ainda vive e pode testemunhar sobre eles, principalmente os nascidos a partir da década de 1960. O advento dos telefones e o acesso a internet são bem recentes. Somente a partir de 2015 as empresas fornecedoras de internet perceberam que o público na Mata que queria utilizar esse serviço compensaria investir nas instalações. Na casa dos meus pais por exemplo, somente em 2019 foi instalada internet, com intuito de utilizar na televisão e nos celulares da casa. Atualmente, muitas residências utilizam os serviços de internet e televisão por assinatura, algo que há 10 anos atrás não acontecia, pela falta de opções de fornecedores na comunidade. Diante desse advento tecnológico e da busca pelo acesso, os olhos das empresas voltaram-se para a Mata e, assim, o serviço foi se dispersando na comunidade, principalmente nas residências com crianças e jovens.

Todas essas informações mencionadas acima nos fazem ver que na década de 1950 o bairro da Mata não tinha acesso a transporte público, que na década de 1970 a energia elétrica era muito precária, que na década de 1990 ainda não havia serviços de coleta de lixo, que na década de 2000 os serviços de internet ainda não haviam chegado. Contava-se, ademais, com pouco acesso a educação e saúde. Devido a essas restrições todas sofridas, quando perguntamos sobre o que os antigos moradores acham do bairro hoje, as respostas são bem positivas, assim como a de seu Abdon.

Quando questionado sobre o que achava do bairro atualmente, Abdon, um senhor de meia idade, casado, pai de três filhos e avô de cinco netos, que trabalhou (com os filhos) como agricultor durante décadas, respondeu confiante: *“Tá crescendo! Finalmente estamos saindo da lama! A Mata tá desenvolvendo, tão asfaltando pra gente não andar mais com os pé na lama e pra cá ainda vai ficar melhor”*. Estávamos

conversando na casa do seu Abdon, cuja rua fora recentemente asfaltada. Por isso, perguntei: “Pra essa avenida?”

Sim! Aqui mesmo, daqui uns tempos aqui vai ter muita vaquejada, coisa boa mesmo pra diversão do povo e movimento pra Mata. Fora os campos que já tem, tão fazendo um campo ali em cima com piscina e restaurante. Hoje em dia as pessoas não querem ir pra longe e nem lugar desconhecido, tá tudo muito arriscado, melhor ficar perto de casa num lugarzinho bacana de quem a gente conhece.

Desmistificando a visão de que para ter lazer o matense teria que sair do bairro, neste último ano de 2021, mesmo em meio a pandemia, muitos estabelecimentos surgiram com a finalidade de lazer. Restaurantes caseiros nas proximidades dos campos de futebol funcionam a todo vapor aos sábados e domingos e um estabelecimento com um piscinão chamado de Fazendinha Cruz é o bar queridinho do momento na comunidade da Mata. Ela é frequentada por moradores e visitantes de outros bairros, que tomam conhecimento de sua existência por meio das redes sociais do estabelecimento. Assim, vem crescendo a procura pelo local, tanto aos fins de semana quanto nas segundas-feiras, pois o mesmo incorporou a tradição de lazer no primeiro dia de trabalho da semana. A segunda sem lei, como é chamada pelos frequentadores, é aproveitada por um grande quantitativo de pessoas da nossa comunidade e trabalhadores autônomos. Trata-se de um lugar bem agradável, que conquistou a rotina de muitas pessoas.

Aproveito para salientar que todas as transformações na vivência de lazer aconteceram nas proximidades da Avenida dos Agricultores, onde o asfalto foi colocado no final de 2020. Como bem sugeriram os moradores desta avenida, a região da Avenida dos Agricultores está se desenvolvendo bastante, bem mais do que a Avenida Trindade, a avenida principal do bairro onde passam os transportes coletivos.

* * *

Se no capítulo anterior procurei descrever o bairro da Mata atualmente, neste capítulo busquei abordar as transformações pelas quais o bairro passou, principalmente nos últimos quarenta anos, que fizeram com que ele apresentasse a configuração que possui hoje. Assim, procurei mostrar o modo como as terras na Mata e arredores foram ocupadas, bem como os impactos dessa ocupação na vida dos matenses. Assim, mostrei o advento de transportes coletivos sob influência direta da urbanização local e adjacente, bem como os efeitos desse crescimento nos estabelecimentos de educação. Abordei também as transformações que ocorreram no fornecimento de água e energia elétrica, na coleta de lixo, no acesso a serviços de internet e televisão por assinatura, que acompanharam e tornaram possíveis mudanças também no modo de vida dos matenses. É possível afirmar que, atualmente, a Mata possui todos os serviços que caracterizam um bairro urbano. Mas ainda persistem, no bairro, atividades rurais. No capítulo seguinte, veremos o que motivou antigos agricultores a abandonarem o ofício e o que estimula os agricultores atuais a continuarem na profissão.

CAPÍTULO 3 - AGRICULTURA FAMILIAR

Para iniciar meu diálogo com o termo agricultura familiar, é preciso acessar historicamente a nomenclatura que esse conceito recebeu ao longo dos tempos. Não quero me prender a debates dualísticos como o rural e o urbano, campo e cidade, bastante trabalhados na literatura das ciências sociais. Opto, aqui, por buscar evidenciar essa categoria de agricultura familiar como estatal e classificadora para enquadramento em políticas públicas. Essa concepção está afinada com a assertiva de Wanderley (2014). Para ele,

O campesinato corresponde a uma forma social de produção, cujos fundamentos se encontram no caráter familiar, tanto dos objetivos da atividade produtiva – voltados para as necessidades da família – quanto do modo de organização do trabalho, que supõe a cooperação entre os seus membros. A ele corresponde, portanto, uma forma de viver e de trabalhar no campo que, mais do que uma simples forma de produzir, corresponde a um modo de vida e a uma cultura (WANDERLEY, 2014).

De acordo com Wanderley (2014), no Brasil o conceito de campesinato e agricultor familiar assumiram distinção no que se refere a integração às cidades e aos mercados como uma característica da agricultura familiar, enquanto o campesinato era pouco integrado ao mercado e à vida urbana, corroborando para sua identificação quanto à incivilidade e ao atraso econômico e social.

Esse agricultor familiar descrito como integrado às cidades se assemelha à atual situação dos agricultores familiares da Mata, uma vez que a urbanização encontra-se tão próxima ao bairro da Mata que a cidade, feiras livres e mercados tornaram-se bem próximos e de fácil acessibilidade a todos. Tanto o agricultor pode levar seu produto ao comprador quanto o comprador pode acessar o bairro de produtores como a Mata para adquirir os produtos na propriedade de agricultor, caso exista excedente de produção.

Wanderley (2014) continua problematizando a palavra “camponês”, colocando-a enquanto palavra carregada de forte conteúdo político atrelado a movimentos sociais. Durante o período dos governos militares brasileiros de 1964 a 1985, novas designações foram criadas, dentre elas: “pequenos produtores”, “agricultores de subsistência” e “produtores de baixa renda”, todas criadas para desvincula-los do caráter “subversivo”, buscando neutralidade. Entretanto, mesmo essas novas nomenclaturas, de acordo com o autor, eram carregadas de imprecisão e depreciação.

Um dos primeiros debates sobre ruralidade definia o rural como o espaço ligado à tradição, ao atraso e, em contrapartida, o espaço urbano como o espaço do desenvolvimento, concebendo o urbano e o rural como espaços dicotômicos. Segundo Paulo (2010), essa perspectiva foi ideologicamente responsável por fundamentar inúmeros preconceitos e levou o mundo urbano a desenvolver estereótipos para o homem rural, baseados na ideia de ignorância e rudez.

A legislação brasileira que aborda a agricultor familiar é recente, pois a lei que está em vigor é a Lei 11.326/2006, chamada de “Lei da Agricultura Familiar”. Tal lei considera agricultor familiar quem atende quatro requisitos básicos, acrescidos da prática de atividade em meio rural.

Os requisitos são: I não detenha, a qualquer título, área maior do que 4 (quatro) módulos fiscais; II utilize predominantemente mão de obra da própria família nas atividades econômicas do seu estabelecimento ou empreendimento; III tenha renda familiar predominantemente originada de atividades econômicas vinculadas ao próprio estabelecimento ou empreendimento; IV dirija seu estabelecimento ou empreendimento com sua família. (LEI 11.326/2006).

Qual a serventia de rotulá-los como agricultores familiares? O rótulo tem hoje especialmente valor político: com atraso de décadas, a agricultura e os agricultores familiares estão, hoje, inseridos na agenda política do País, ainda que o poder de barganha não reflita sua importância na geração de riqueza e ocupação (BUAINAIN et al, 2006).

De acordo com Wanderley (2014), quem hoje é denominado agricultor familiar antes tinha seu reconhecimento como trabalhador rural. Para o autor,

Segundo o Estatuto do Trabalhador Rural consta na Lei n. 4.214, de 02 de março de 1963 que é primeiro texto legal que reconheceu os trabalhadores como sujeitos de direitos trabalhistas, passíveis de serem reclamados em justiça pelo movimento sindical que nascia e se fortalecia na mesma ocasião. Com o fim dos governos militares e a promulgação da Constituição de 1988, tivemos um momento de redemocratização, que se institucionaliza significou a (re)emergência dos movimentos sociais, que puderam, assim, construir publicamente suas análises da realidade brasileira, em oposição às visões até então dominantes e impositivas e formular suas demandas políticas e suas estratégias de luta. o I Plano Nacional da Reforma Agrária, lançado em 1985. Progressivamente, multiplica-se o número de assentamentos rurais. O maior número foi implantado na década de 1990, durante o Governo de Fernando Henrique Cardoso, sob o efeito das pressões dos movimentos de luta pela terra (WANDERLEY, 2014).

Todo esse histórico levantado por WANDERLEY (2014) mostra que a luta de agricultores por terra para trabalhar aconteceu por muito tempo e a nível nacional, embora com particularidades regionais (PALMEIRA, 1989; MARTINS, 1995; COMERFORD, 1999, BRANDÃO, 2007; SEYFERTH, 2011).

Agricultura na Mata

Na comunidade da Mata, os trabalhadores de roça não detinham conhecimento nas décadas de 1970 a 1990, para requerer as terras que trabalhavam. Quando conversei com o seu Bento sobre as terras que eles trabalharam, indagando como se dava essa relação com a terra, ele responde:

a gente trabalhava nas terras da Indaiá⁴. A gente não tinha terra pra plantar, mas a gente usava as terras que tinha aqui perto, mas nós tinha consciência que as terras não eram nossas. Há muito tempo recebemos um recado que a gente não podia mais trabalhar nas terras da Indaiá porque o dono não queria... Nos

⁴ Indaiá é o nome de uma empresa de produção e distribuição de água mineral.

juntamos um grupo e fomos falar com ele, pedir permissão pra trabalhar e garantimos a ele que ninguém de nós ia ficar de posse da terra. Não. E a gente cumpriu, trabalhamos mas nunca ficamos e nem vendemos pedaço de terra da Indaiá pra ninguém (Bento, 86 anos).

Naquela época, portanto, a possibilidade de luta em prol de terras não era uma pauta na comunidade. Os agricultores eram cientes de que não detinham a propriedade das terras e a mobilização que fizeram, mencionada pelo seu Bento, tinha apenas o intuito de trabalhar a terra mesmo. Este fato atraiu minha atenção, porque percebi que eles se colocaram em um lugar de inferioridade em relação aos poderosos donos de terras. Minha impressão é que os latifundiários, que não utilizavam suas grandes porções de terras para absolutamente nada, chegavam a ser colocados no status de caridosos por permitir o uso de suas terras por agricultores locais.

Seu Bento relatou, contudo, que o discurso dos donos da Indaiá para amedrontar os agricultores, no sentido de não permitir o uso caso houvesse vendas de lotes por parte dos agricultores ou construções na área, foi em tom intimidador. Segundo informações de Abdon, o presidente da associação de agricultores do bairro, ela só começou a reivindicar a posse das terras para trabalhar quando começou a circular no bairro os boatos de que o governo de então havia comprado as terras da Indaiá para fins de reforma agrária.

Naquele período, os processos de ocupações de terras para moradia nos arredores da Mata estavam bem avançados e isso criou um receio de que poderiam perder as terras de cultivo. Foi isso que despertou a busca mais efetiva pelo título da terra que eles trabalhavam.

Mas nem todos os agricultores de então se mobilizaram. O relato de seu Abdon esclarece:

Eu andava no bairro todo atrás de membro pra associação pra gente reivindicar nossos direitos. A gente trabalha há muito tempo aqui, merecemos ficar com as terras. Agora eram do governo, não era mais particular... A gente tinha

chance de conseguir nossa parte, mas muitos não quiseram. Queriam ganhar sem ir atrás, só no bem bom. Eu dizia pra eles, assim não, rapaziada! Vocês não querem ir numa reunião, não querem correr atrás comigo... Quando for a hora de aproveitar o bom, só quem se empenhou vai ganhar. E assim foi, só eu, Isael, Nonato, Cristiano, Aknayara, Mayara, Côca, Antônio estavam comigo aqui na associação. Aí eu ia dar vez pra quem? Eu sou os meus, mesmo! Quem mereceu, ganhou sua parte e tão aí, podendo fazer o que querem com sua terras. Os outros, que não quiseram ter trabalho, perderam.

Apenas os agricultores que detinham terras pra trabalhar e que estavam frequentando a associação, portanto, puderam reivindicar a titularidade de suas terras. Os demais agricultores não se dispuseram a reivindicar as terras que sobraram. Essas terras foram invadidas com o passar do tempo, transformando-se em novos pequenos bairros, que receberam outros nomes diferentes do nosso bairro Mata.

A agricultura familiar sempre foi uma importante atividade econômica no bairro da Mata. A estratégia utilizada era a chamada agricultura de corte e queima. Essa prática se fazia consistente em décadas passadas pela disponibilidade de terras para produção das roças. Isso porque a prática exige a rotação do uso das terras e esse era um recurso abundante naquela época. É importante, aqui, recuperar a fala de Seu Bento para ilustrar melhor essa fase. Segundo ele, “Aqui na Mata, tinha muita terra. A gente pegava uma área de terra e ia roçar”. Diante dessa informação, eu perguntei como eles faziam isso. Ao que Seu Bento respondeu:

Ah, era simples... escolhia a área e batia o mato grosso com facão e foice. Depois, tirava os tocos e roçava o mato baixo com facão. Depois, deixava o mato secar pra tocar fogo. Depois da roça queimada, só nas cinzas, a gente plantava as sementes de maxixe, de quiabo e vinagreira.

Lembrando-me das discussões na área do meio ambiente sobre eventuais danos dessa prática ao solo (MOURA, 2004; FERRAZ JÚNIOR, 2004), eu perguntei ao seu

Bento se, quando ele plantava nesse sistema, as roças eram produtivas. Seu Bento respondeu: “Minha filha, vixi, era muito boa a colheita. Eram cofos e cofos de quiabo e maxixe. E a vinagreira, era muitos maços, mais de 1000 maços por panha [colheita].” Seu conhecimento empírico contrariava, assim, alguns saberes mais institucionalizados, que condenavam a agricultura de corte e queima. Mais recentemente, contudo, alguns resultados de pesquisas se alinham ao que Seu Bento já sabia. Segundo autores como Kleinman *et al* (2000), a agricultura de corte e queima não é prejudicial ao ambiente, como destacavam alguns pesquisadores. Pelo contrário, ela é ecologicamente correta e sustentável, porque não depende de insumos externos como fertilizantes, pesticidas e nem de irrigação.

A agricultura de corte e queima é, portanto, uma prática totalmente adequada a populações rurais pobres. Com o passar do tempo, contudo, essa prática deixou de ser utilizada na Mata. “O senhor deixou de trabalhar assim, num foi?” - perguntei ao seu Bento. Ele respondeu: “Ah... deixamos! As terras ficaram pouca, a gente ficava na mesma roça porque não tinha mais como mudar de terra”. Perguntei, então, o que ele achava que fez as terras diminuírem e seu Bento respondeu:

Minha filha, foi depois da chegada da Cidade Operária ali. Porque chamou mais gente pra morar aqui perto, é lógico! Aí foram tomando conta das terras e crescendo. Surgiu a Santa Efigênia, o Jardim América e a Cidade Olímpica, que hoje tá tudo do jeito que tá (Seu Bento).

A fala de seu Bento parece estar afinada com a minha hipótese inicial, de minha pesquisa na biologia, de que a diminuição da agricultura na Mata estaria relacionada com o processo de urbanização decorrente da chegada da Cidade Operária. Entretanto, a interpretação de Seu Bento sobre esse processo não é a única interpretação existente na Mata. Outras leituras, a partir de outros pontos de vista, são realizados, de modo que não seria a mim autorizado falar sobre a “visão dos matenses” sobre essa questão. A seguir,

apresentarei a interpretação que outros agricultores fazem desse processo, agricultores que incentivaram e investiram na educação de seus filhos.

Estudar pra não ter que pegar na enxada

Uma das principais características da agricultura familiar é a utilização da mão de obra familiar em quase sua totalidade. No entanto, algumas de suas atividades requerem a contratação de mão de obra extra. É o caso das limpezas de quintais, carregamento de cargas e outras tarefas, que podem ser direcionadas a terceiros. Contudo, a escassez dessa mão de obra se tornou uma constante nas comunidades rurais. Esse fato é relatado inclusive no meu local de pesquisa. Nem mesmo os produtores familiares parecem dispor da mão de obra abundante, que tradicionalmente eram considerados como um estoque de mão de obra à disposição da produção agrícola em períodos sazonais ou em trabalhos de meio período (RUIZ, 2014).

Esta afirmação de RUIZ (2014) contribui para uma discussão muito atual sobre a mão de obra no campo. A agricultura familiar depende de mão de obra da família, mas a quantidade de filhos por família decresceu. Outro fator importante vem acontecendo, que é a migração dos jovens das famílias de agricultores para estudar nas cidades. Nesses casos, que contam com incentivo familiar, o retorno ao trabalho na terra quase sempre é anulado por conquista de emprego nos centros urbanos que estão mais próximos nas propriedades rurais.

A questão cultural de amor à terra e ao modo de vida rural são considerados fatores importantes que fazem os filhos de agricultores permanecerem na terra ou retornarem após a conclusão de estudos. Contudo, isso ocorre apenas em uma parcela pequena dos

casos. Na Mata, dos agricultores com que conversei, apenas Abdon continua com filhos agricultores. Os demais não têm filhos na mesma profissão. Assim também ocorreu com o Coca, que aposentou-se com todos os seus filhos em trabalhos assalariados em empresas de transporte ou limpeza. Os agricultores falecidos, mas também quando já haviam conseguido sua aposentadoria, como seu Zé Corina, Seu Lúcio e Seu Albino, também seguem o padrão, com filhos que abandonaram a roça para trabalhar na cidade.

Minha história familiar também faz parte desse fenômeno, em que os filhos dos agricultores seguem suas vidas em outras carreiras. Os filhos de seu Bento e de dona Francisca, meus avós, atualmente aposentados, não seguiram seus passos na carreira de trabalhador rural.

Conhecendo essa história de perto, sempre chamou minha atenção as dificuldades para estudar em tempos atrás. Sem escolas no bairro e com pouco acesso ao transporte público, as pessoas mais velhas da minha família cursavam apenas o ensino primário, oferecido na Escola Estadual Dunches de Abranches, única escola do bairro até meados dos anos 1980.

Foi assim com meus avós maternos. Sem estudo, como a maioria dos moradores, meu avô Bento e minha avó Francisca casaram bem jovens e constituíram família. A falta de estudos os levou a fazer o que seus pais faziam, que era trabalhar com roças e tornarem-se agricultores. Essa foi a única profissão que desempenharam ao longo de suas vidas. Minha avó também trabalhava a terra e, mesmo tendo tido um total de nove filhos, conseguiu, durante muito tempo, conciliar as tarefas domésticas com as da roça. Ela fazia as mesmas atividades que meu avô: capina, irrigação, colheita, cultivo de hortaliças. Entretanto, tal como registrado na literatura antropológica que menciona a vida das mulheres no campo (WOORTMANN E WOORTMANN, 1997; SCOTT *et al*, 2010), essas atividades eram realizadas em espaços diferentes dos que eram trabalhados pelo

meu avô. Avó Francisca trabalhava junto com sua irmã, Antônia, em roças próprias. Tal atividade lhe rendeu, com o avanço da idade, além da aposentadoria, muitas dores nas costas e problemas de saúde.

Meu avô Bento, hoje também aposentado, enfrentou um câncer de pele em função de tanta exposição ao sol ao longo da vida como agricultor. Além do trabalho na lavoura, ele levava os produtos que colhia para serem vendidos no Mercado Central de São Luís, atuando também, portanto, no comércio de sua produção. Embora se orgulhassem de sua profissão, eles conheciam o peso do cansaço e, por isso, sempre incentivaram a educação de seus filhos. Esperava, com isso, que conseguissem ter, no futuro, uma profissão melhor remunerada e menos desgastante para a saúde. Eles sempre diziam: “Só os estudos podem mudar a vida de vocês”. Assim, os ensinamentos sobre a importância dos estudos foram passados para seus filhos.

Mesmo com incentivos, no início da década de 80, não era fácil estudar. A luta de minha mãe e de suas irmãs (assim como de suas conterrâneas da mesma geração) pela educação foi árdua. Era necessário caminhar diariamente cinco quilômetros entre a Mata e o Maiobão, onde ficava a escola mais próxima. Parte dessa caminhada se dava em estrada de terra, até chegar às ruas asfaltadas, nas proximidades da escola. Foram essas caminhadas diárias, porém, que permitiram que minhas tias e minha mãe concluíssem, respectivamente, o Curso Normal para Professora e Técnico em Laboratório. Com isso, elas conseguiram formação profissional e galgaram emprego fora da roça. Esse feito foi um orgulho para os meus avós, um sonho realizado: seus filhos finalmente conseguiriam se sustentar através de suas profissões, sem precisar pegar na enxada.

Quanto mais o tempo passava e a família crescia, mais nos aproximávamos da conclusão do Ensino Médio e do Ensino Superior. Os netos de meus avós já puderam caminhar bem menos, pois já havia uma escola em um bairro vizinho, e também

concluíram o ensino médio na década de 90. Atualmente, um passo a mais vem acontecendo: sou a segunda pessoa da família a ingressar em uma pós-graduação. Replicando os ensinamentos de seus pais, minha mãe Joana e meu pai Isael sempre me incentivaram a concluir uma graduação para ter um bom emprego. Com seu apoio, cursei minha graduação em Biologia em uma instituição pública e faço parte dessa segunda geração da família que não mais trabalha na roça.

A minha história é semelhante a muitas outras no bairro da Mata, pois o estudo representa a fonte de mudança mais efetiva no meio de trabalho e renda local. O comércio é pouco desenvolvido e empreendimentos começam a surgir apenas neste ano de 2021, com o aparecimento de atividades voltadas para prestação de serviços. Duas barbearias, uma borracharia e uma lanchonete, todas inauguradas em 2021, apontam para um crescimento, embora tímido, do comércio local. Antes dessa postura empreendedora, o foco da fonte de renda se dava quase que exclusivamente de funcionários públicos da área da educação, aposentadorias e agricultura familiar.

Essa pequena apresentação da história da minha família, portanto, não difere muito do caminho que muitas outras famílias na Mata traçaram. Talvez isso seja uma reação ao modo como os camponeses muitas vezes são vistos:

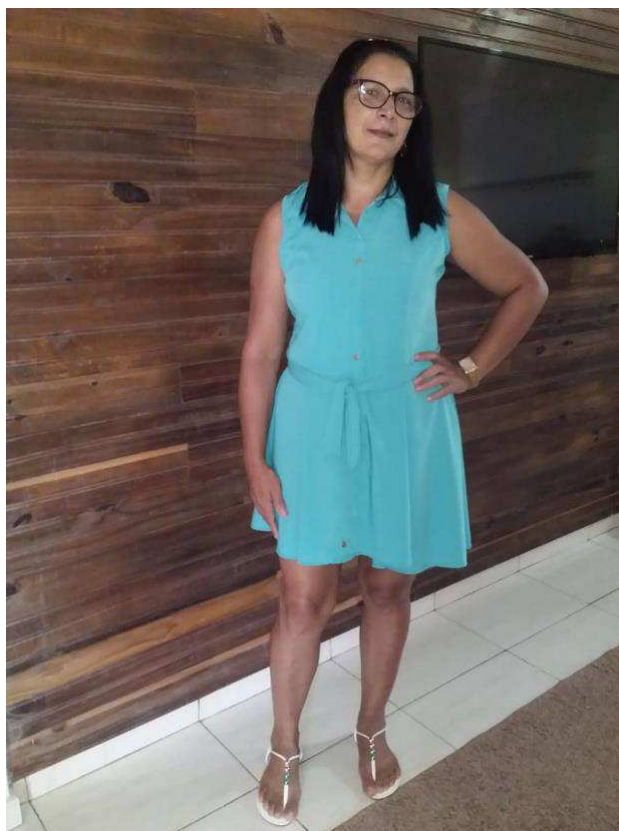
As atividades agrícolas, que vêm a cada dia sendo introduzidas no imaginário do descrédito, o que permite que muitos filhos de agricultores se distanciem desta atividade e não a vislumbrem como uma possibilidade para o futuro. Camponeses, os rótulos comumente a estes relacionados são os de “matuto” ou “caipira”, o que os associam ao que é atrasado e ignorante (LIMA, 2012).

Seja como for, o incentivo que meus avós deram aos filhos, a ideia de que eles precisavam ter uma profissão para melhorar de vida, a luta penosa para frequentar as aulas, tudo isso ocorreu também com outras famílias, com outros moradores do bairro. Percebi isso ao longo das conversas que mantive com outros filhos de agricultores: Ana

Lúcia, Francineide e Lourimar. Todas elas possuem curso superior e são formadas, respectivamente, em Pedagogia, Letras e Direito.

Ana Lúcia, atualmente, é professora do Ensino Básico. Graduada em Pedagogia, ela leciona na Escola Municipal Maria de Jesus Correa, localizada no próprio bairro da Mata. Ela tem 53 anos e é casada desde seus 20 anos de idade com Wellington, um trabalhador feirante. Ela tem dois filhos que já constituíram família, mas ainda não é avó. Diz-se que Ana Lúcia (Figura 21) é uma excelente professora, que alfabetiza muito bem as crianças do bairro da Mata. Ela é sempre bem elogiada pelos pais dos alunos que conheço.

Figura 21 – Professora aposentada Ana Lúcia, filha de Chica e Bento da Silva



Fonte: Acervo pessoal de Ana Lúcia disponibilizada para esta pesquisa por aplicativo de conversa.

Meu interesse pela fala de Ana Lúcia se deu pelo fato dela ser filha de agricultor e, como ela mesma fala, ter sido incentivada a buscar melhorias de vida. Eu entrei em contato com ela via WhatsApp e marquei uma visita na casa dela. Marcamos nossa conversa para o período da tarde. No dia combinado, ela me esperava no quintal, com toda a informalidade que anos de convívio proporciona. Depois dos cumprimentos e da conversa costumeira sobre como estão nossos familiares, sentamos na varandinha da cozinha pra conversar. Em meio à conversa, sua filha Ruana apareceu, tomou a benção e deixou umas compras que havia feito pra ela. Além de Ana Lúcia, seu esposo, chamado Wellington, estava em casa e, em meio a conversa, também inseria opiniões ao nosso diálogo. Nessa atmosfera, perguntei a ela como se deu sua trajetória escolar e ela discorreu da seguinte forma:

Quando eu saí do Cema, quando terminei o ensino fundamental a única opção que tinha pra nós, mais próximo da Mata, era no Maiobão, na escola Erasmo Dias, lá no final da avenida 13. Era a única escola de Ensino Médio que tinha mais perto da Mata e, pra ir pra lá, era muito contramão, porque não tinha transporte pra lá. Só tinha um ônibus que passava, que era de duas em duas horas que ele passava na Mata. Era um ônibus pra ir no centro e voltar, então a gente não tinha opção de transporte. A gente tinha que ir andando, era andando mesmo! E nós que morávamos aqui na Mata, a gente não tinha outra opção, porque as escolas mais distantes tinha que pagar passagem e nós não tínhamos dinheiro. Então, foi lá mesmo no Erasmo Dias, que tinha que se formar mesmo em professora, porque a única modalidade que tinha era Magistério e Educação Geral, na época.

A luta de Ana Lúcia para conseguir estudar não difere, como vimos, daquela empreendida por suas irmãs. Ana Lúcia especifica, ainda, algumas dificuldades pelas quais passava:

Enfim, minha filha, foi assim a luta! E pra gente chegar lá no horário de sete e meia, que era o horário que a gente podia entrar, tínhamos que sair de casa cinco e meia da manhã pra chegar lá sete e meia. Porque, se a gente saísse mais tarde, chegava atrasada e não entrava. E quem fazia Magistério tinha que ficar

de tarde pra educação física e pro estágio. Aí nós tínhamos que levar comida também e ficar por lá na casa de amigos, parentes ou na própria escola. Às vezes, a gente ficava na própria escola mesmo. Levava comida e comia meio-dia, se alimentava meio-dia e, de tarde, ia pra educação física e também pro estágio. O estágio era no contra turno. Aí agente fazia assim, porque não dava tempo de vim em casa e voltar de novo... não dava tempo.

A opção pelo Magistério, se por um lado permitia uma profissionalização já no Ensino Médio, diante incerteza acerca da possibilidade de ensino superior, por outro lado, exigia mais dedicação e sacrifícios. O ensino superior, ainda assim, era muito almejado:

Antigamente, estudar, fazer uma faculdade era um sonho. Todo mundo queria, nem que fosse andando. As oportunidades eram agarradas com unhas e dentes, porque não tinha outra forma de garantir um salário. Hoje tem outras opções (Ana Lúcia, Professora).

Ana Lúcia expôs, ainda, que observa a falta de interesse de alguns jovens na atualidade pelos estudos, ainda que haja, hoje em dia, a existência de uma facilidade muito maior para os jovens de estudar. Ela acredita que o simples desinteresse é o principal fator para os jovens não conseguirem manter foco nos estudos. Seu esposo, Wellington, relatou que concluiu o ensino médio, mas teve que trabalhar logo, diminuindo suas chances de fazer um curso superior. No entanto, ele afirmou que é feliz com o que tem, pois conseguiu trabalhando como feirante construir sua casa, adquirir um automóvel e comprar um terreno pra fazer um sítio pequeno. Wellington tem cerca de 50 anos e ainda trabalha como feirante até hoje.

Continuando nossa conversa, me direcionei a Wellington e perguntei por que ele não ficou trabalhando na roça com seu sogro (Bento). Ele ofereceu, então, a sua interpretação sobre as mudanças ocorridas nas últimas décadas:

Há 30 anos atrás, tudo era mais difícil para o agricultor. Não tinha incentivo, não tinha recurso, nem assistência para facilitar as coisas. Só no governo do Lula que o trabalhador começou a receber ajuda, com os programas

governamentais, que o pobre pôde comprar carro pra trabalhar, essas coisas... Hoje em dia, quem tiver terra e quiser trabalhar na agricultura tem melhores condições. Então, fui trabalhar na feira mesmo, comprando e vendendo as mercadorias no João Paulo de madrugada. E foi assim, até hoje.

De acordo com a interpretação de Wellington, a urbanização e falta de terras não são o fator principal da decadência da agricultura. Ele atribui esse fenômeno à falta de programas governamentais de incentivo à produção agrícola. A leitura que ele faz do texto sobre agricultura local na Mata foi, portanto, diferente daquela realizada pelos agricultores aposentados e pelos agricultores em exercício. Talvez essa diferença se dê pelo fato de ele transitar entre os grupos e perceber de uma outra forma a situação da agricultura familiar na Mata.

Se alguns dos antigos agricultores atribuem a diminuição de suas atividades ao processo de urbanização, outros, como vimos, procuraram incentivar e investir na educação de seus filhos, de modo a garantir que eles não trabalhassem na roça. Diferentemente dos primeiros, é a oportunidade de estudo que os filhos tiveram, aliada aos esforços de cada um, que levou ao abandono do trabalho na roça e, conseqüentemente, à diminuição da atividade agrícola no bairro. Há, ainda, como mostrarei a seguir, algumas pessoas que resistem na profissão.

Associação de agricultores

Atualmente, a associação de agricultores da Mata contém seis integrantes que moram na Mata e trabalham a terra. E mais três integrantes que moram nas proximidades no bairro São Braz Macaco que não contém Associação de Agricultores, a senhora Leide

e seu Esposo Vale Ouro e Cristiano que mora na Janaina mas já foi morador da Mata. A tabela abaixo lista esses agricultores e o tipo de produto que cultivam:

Figura 22: Quadro de produtores rurais da Mata

Nº.	NOME DO PRODUTOR	PRODUTO
1	Abdon José Melo Sá Meneses	Frutas e Hortaliças
2	Abdon Sá Meneses	Frutas e Hortaliças
3	Aknayara Melo Sá Meneses	Frutas e Hortaliças
4	Antonio Carlos Sales	Frango, Frutas e Hortaliças
5	Daniel da Costa Povoas	Frango, Frutas e Hortaliças
6	Mayara Melo Sá Meneses	Frango, Frutas e Hortaliças
7	Isael Pereira de Lucena	Macaxeira e Hortaliças
8	Isael Pereira de Lucena Filho	Macaxeira e Hortaliças

Fonte: Quadro de produtores rurais da Mata.

Os cultivos mais comuns dos agricultores da Mata são vinagreira, maxixe, quiabo, mandioca, feijão, milho, pimenta, mamão, maracujá, acerola e abóbora. Essa diversificação da produção é motivada pelo incentivo dos programas que eles participam por intermédio do PAA e PNAE, em que os produtos são entregues em instituições municipais.

A produção de alimentos dos agricultores locais é direcionada para escolas, por meio do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), e para hospitais, prisões,

outros órgãos públicos, em cumprimento às ações do Programa de Aquisição de Alimentos (P.A.A). Ambos os programas foram criados no ano de 2003, por intermédio do Programa Fome Zero. Os agricultores familiares organizados através de associações de agricultores, por exemplo, podem acessar esse tipo de incentivo, que possibilita um mercado garantido para seus produtos. Uma das apostas desses programas era a possibilidade de recuperação da agricultura familiar, área que se encontrava em declínio, embora não se tenha pesquisas com dados concretos sobre esses resultados (NAVARRO, 2014).

A agricultura familiar vem recebendo incentivo para expansão da oferta de alimentos através de programas governamentais no âmbito federal através do PRONAF (Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar), que desenvolve ramificações estaduais e municipais. Para alcançar incremento na produção agrícola familiar, o governo cria mercado institucional e cria linhas de crédito para modernização das propriedades familiares rurais.

Na Mata, a avicultura e piscicultura também estão vigorando em fase inicial, mas bem adaptados, segundo eles. Atualmente, o sistema que eles utilizam é a de rotação de culturas, onde acontecem plantios intercalados para melhor absorção dos nutrientes pelas plantas.

A irrigação das áreas plantadas é mecanizada, eles abandonaram a simplicidade da irrigação através do regador de mão e utilizam fertilizantes e inseticidas para melhor a produtividade. As tecnologias que modernizaram agricultura familiar foram bem aceitas pelos produtores da Mata e vêm provendo um avanço produtivo por conta da eficiência e assistência técnica disponibilizada pelos programas através de políticas públicas.

Se muitos desistiram da profissão de agricultor e foram buscar, por meio da educação, uma vida nova, rompendo com a vida de agricultor familiar, podemos analisar

o alinhamento de Aknayara com a cultura de vida agrícola (Figura 22). Ela é uma jovem de 32 anos, casada com um produtor de móveis e mãe de uma menina de 10 anos. É uma jovem alegre e vaidosa, que gosta de se divertir aos finais de semana, frequentando os bares dos campos de futebol ao lado de sua família. Detentora de suas terras, essa agricultora relata sua vivência como descendente de agricultores. Em suas palavras, Aknayara explica:

Eu trabalho com agricultura porque eu gosto, porque a minha vida toda eu vi meus pais trabalhando com agricultura, então foi uma coisa que eu fui criada no meio, de uma forma assim... que todo tempo eu estava inserida nesse meio e eu comecei a gostar.

Mesmo entrando em contato com a educação e tendo uma outra profissão (tal como as conterrâneas de sua geração, ela teve acesso ao estudo), o desejo de cuidar e viver da terra falaram mais alto. Segundo ela:

Faço porque eu gosto, porque sou formada em enfermagem, mas a questão de trabalhar com agricultura é a questão de tá próxima da minha casa, perto da minha família, eu faço os meus horários, num cumpro um horário não preciso tá horário x não, faço meus horários e outra, que dá pra mim tirar minhas contas, dá pra mim sobreviver, eu ganho bem, dá pra mim suprir todas as minhas necessidades sem tá precisando ser escrava de uma sala. Eu gosto.

A atividade, o trabalho escolhido por ela foi na roça, no quintal de casa que traz seu sustento. Aknayara se define, assim, como produtora rural e se diz feliz em optar por uma atividade econômica que lhe traz lucros e prazer em viver com saúde e tranquilidade. A jovem produtora rural finaliza:

Eu não faria outra atividade pra sair daqui não, tanto é que eu me formei, mas eu prefiro continuar na agricultura... Foi onde eu me achei, vamos dizer assim. Eu gosto de tá aqui, tive muitos exemplos, muitos bons exemplos no caso dos meus pais, então eu gosto. Tenho curso sim, sou formada, mas prefiro tá na agricultura. (Aknayara Melo)

Figura 23: Aknayara e suas mudas



Fonte: Acervo pessoal de Aknayara, cedido para esta pesquisa por aplicativo de mensagem.

Aknayara se considera, portanto, uma pessoa bem sucedida, que não tem na agricultura a última opção para sua sobrevivência. Pelo contrário, ela tem outra profissão,

mas escolheu ser agricultora, seguindo a tradição familiar, e se diz muito contente pela sua escolha.

A forma como ela, assim como os demais agricultores resistentes do bairro da Mata, interpreta a diminuição das atividades agrícolas no bairro remontam a algo já mencionado nesta dissertação. Trata-se da inércia dos outros agricultores em se mobilizar para assegurar suas terras.

De acordo com seu Abdon, quando ele tentou mobilizar os agricultores para garantir a propriedade das terras, muitos não quiseram frequentar as reuniões ou se engajar nas reivindicações. Depreende-se, a partir de sua leitura, que a diminuição do número de agricultores ativos no bairro se deu pela falta de disposição de muitos para trabalhar na regulamentação das terras.

* * *

Vimos, neste capítulo, as mudanças pelas quais as atividades de agricultura passaram ao longo dos últimos quarenta anos no bairro da Mata. Procurei apresentar alguns pontos de vista que ensejam interpretações para explicar esse fenômeno. Enquanto alguns avaliam que a agricultura diminuiu por conta da inércia de algumas pessoas para se mobilizar em torno da titulação de suas terras, outros afirmam que esse fenômeno decorre de uma busca por um futuro melhor para seus filhos e outros, ainda, atribuem a diminuição da atividade rural ao processo de urbanização da área.

Ao longo deste capítulo, busquei descrever cada uma dessas leituras, dessas interpretações, de modo a evidenciar a existência de diversas interpretações acerca do fenômeno. Cada uma dessas interpretações, é importante ressaltar, está ancorada em

histórias particulares de pessoas reais, que nunca pararam de fazer suas interpretações acerca de suas realidades e, com base nelas, efetuaram seus cálculos, realizaram escolhas e traçaram seus caminhos.

Em seguida, nas Considerações Finais, recuperarei as principais questões levantadas nesta dissertação, adicionando meu comentário final.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer desta dissertação, procurei descrever a Mata, bairro onde nasci e cresci, e as transformações sofridas por ele ao longo dos últimos quarenta anos. Inicialmente, vimos algumas características gerais da Mata e do modo como os matenses costumam se relacionar entre si. Em seguida, abordei as transformações que ocorreram na Mata ao longo dos últimos quarenta anos, em um processo de urbanização e modernização. Por fim, expus as modificações sofridas pelas atividades de agricultura ao longo dos últimos quarenta anos no bairro da Mata, apresentando diferentes pontos de vista que ensejam interpretações para explicar esse fenômeno.

A partir de certa perspectiva, a busca por modernidade para viver aponta para um modelo eurocêntrico de vida. No entanto, essa discussão é sempre muito instigante quando pensada de onde se parte o olhar para as análises de qualquer situação. Vejamos o caso da Mata: uma comunidade cercada de mato, com bairros vizinhos distantes, com transporte apenas em horários estratégicos de maior fluxo, com escolas apenas de ensino fundamental era, para muitas pessoas, tida como atrasada, enquanto, para outras, representava sossego e bem estar pessoal. É perceptível nas falas dos agentes sociais pesquisados que há divergências quanto à urbanização do bairro como algo positivo ou negativo. Se alguns a viram com bons olhos, outros lamentam seu acontecimento.

De modo geral, contudo, a modernidade foi muito bem vinda pelos matenses. Aqueles que continuando trabalhando a terra celebram as novas tecnologias para potencializar sua produção. Os que optaram por outros modos de vida exaltam as facilidades com as quais a vida cotidiana passou a contar.

É importante destacar que todos os meus conterrâneos que colaboraram para esta pesquisa expuseram conquistas pessoais durante suas falas. Houve, contudo, posicionamentos diferentes quanto a satisfação pessoal e financeira. Tanto os agricultores que, lutando por terras, assistência técnica e apoio financeiro, desempenham uma agricultura familiar lucrativa compartilham da ideia de sucesso pessoal, como aqueles que trilharam o caminho do estudo e conseguiram melhores oportunidades de trabalho, melhorando sua condição financeira também. Ambas as trajetórias de vida são importantes e merecem destaque neste estudo.

Foi possível perceber, na fala de meus conterrâneos, a busca por ascensão social e prosperidade financeira como motivação para suas escolhas. Se alguns viam a educação como fonte de ascensão social e prosperidade financeira, outros enxergavam na própria agricultura um meio para ascender socialmente e prosperar financeiramente. Em ambos os casos, contudo, as histórias de sucesso estão sempre associadas a conquistas individuais, desconectadas de fenômenos mais amplos, sejam eles políticos, sociais ou ambientais.

A minha ideia inicial, de que o matense abandonou uma profissão tradicional da comunidade para desempenhar outra função, influenciado em boa parte pela degradação ambiental que a região sofreu, foi passando por reflexões ao longo da pesquisa e sendo repensada a partir das falas dos meus conterrâneos que colaboraram para este trabalho.

A partir das interpretações às quais tive acesso, passei a levar em consideração a urbanização como um fator que impulsionou grandes mudanças na postura para o trabalho, contribuiu para o acesso a escolas por intermédio de serviços de transporte, favoreceu maiores opções para uma formação acadêmica e profissional para o mercado de trabalho, além de trazer diversas comodidades para o cotidiano dos matenses.

Embora todo esse acesso a modernidades tenha se concretizado, a questão rural continua presente no bairro, no tocante aos produtores rurais que conquistaram posse de terras por intermédio da Associação de Agricultores. Esta colaborou para incentivar seus sócios a buscarem direitos que eles nem sabiam que poderiam conseguir. Diante da postura pessoal, a coletividade sofria para intensificar pedidos de melhorias e a individualidade tornou-se protagonista na vida da maioria dos matenses.

Por outro lado, aspectos comunais, próprios de um bairro rural, continuam operando na Mata: as relações de confiança e respeito, a importância das relações de parentesco, o conhecimento face-a-face. É difícil, nesses termos, classificar a Mata como um bairro rural ou urbano e, por conseguinte, classificar este trabalho como antropologia urbana ou rural. Talvez o melhor caminho a ser seguido seja o de fugir das classificações, mas isso pode ser o meu eu matense, fugidio que é às classificações, falando mais alto.

REFERÊNCIAS

LEI Nº 1021, DE 17 DE DEZEMBRO DE 2013.

AGIER, Michel. 2011. “Do urbano global à antropologia da cidade”. In _____. Antropologia das cidades: lugares, situações, movimentos. São Paulo: Ed. Terceiro Nome.

BACHELARD, Gaston, 1884-1962 **A formação do espírito científico**: contribuição para uma psicanálise do conhecimento. Tradução Esteia dos Santos Abreu. - Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

BEMERGUY, Telma de Sousa. “Antropologia em qual cidade? Ou por que a “Amazônia” não é lugar de “antropologia urbana””, Ponto Urbe [Online], 24 | 2019, posto online no dia 26 junho 2019, consultado o 01 dezembro 2021. URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/6464>

BERREMAN, Gerald D. Etnografia e controle de impressões em uma aldeia do himalaia. In: **Desvendando máscaras sociais**. Alba Zaluar Guimaraes (org). Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1980. p. 123-174.

BOURDIEU, Pierre. **A miséria do mundo**. 7. ed. Rio de Janeiro - Petrópolis: Editora Vozes, 2008.

BRANDÃO, C. R. “Tempos e espaços nos mundos rurais do Brasil”. *Ruris*, Campinas, v. 1, n. 1, 2007.

BRASIL. **Lei nº 111326, de 24 de julho de 2006**. Estabelece as diretrizes para a formulação da Política Nacional da Agricultura Familiar e Empreendimentos Familiares Rurais. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2004-2006/2006/lei/111326.htm. Acesso em 30/11/2021.

BUAINAIN, Antônio Márcio; ALVES, Eliseu; SILVEIRA, José Maria da; NAVARRO, Zander. **O mundo rural no Brasil do século 21**: a formação de um novo padrão agrário e agrícola. Brasília, DF : Embrapa, 2014. 1182 p.

CARVALHO, Heitor Ferreira. Urbanização em São Luís : entre o institucional e o repressivo/Heitor Ferreira de Carvalho. – São Luís, 2005. 177f. **Dissertação** (Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Maranhão, 2005

CLIFFORD, James. Sobre a autoridade etnográfica. In: **A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002, p. 17- 63.

COMERFORD, John Cunha. **Fazendo a luta**: sociabilidade, falas e rituais na construção de organizações camponesas. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Núcleo de Antropologia da Política, 1999.

COSTA, Antônio Henrique França. O CCN e o ensino de História e cultura afro-brasileira e africana: estudo de caso na Escola Dunches de Abranches. **Dissertação** (Mestrado) Curso de Cartografia Social e Política da Amazônia. Universidade Estadual do Maranhão, 2016. São Luís, 2016. 134f

DA MATTA, Roberto. O ofício de etnólogo, ou como ter anthropological blues. In: A busca da realidade objetiva: a versão qualitativa, 1986.

DIAS, Luiz Jorge Bezerra da Silva. **Cidade Operária e área de entorno imediato**: dinâmicas espacial e socioambiental. 2004. 112 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia Bacharelado). Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2004.

DIAS, Luiz Jorge Bezerra da Silva; FERREIRA, Antônio José de Araújo. Problemas ambientais na Cidade Operária e área de entorno imediato. **Ciência Humanas em Revista**, São Luís, v. 2, n. 1, p. 193-208. jan./jun.2004.

FERRAZ JÚNIOR, A. S. de L. O cultivo em aléias como alternativa para a produção de alimentos na agricultura familiar do trópico úmido. In MOURA, E. G. (org.). Agroambientes de Transição entre o trópico úmido e o semi-árido do Brasil. São Luís: UEMA, 2004.

FERREIRA, Antônio José de Araújo. **A produção do espaço urbano em São Luís do Maranhão: passado e presente; há futuro?** São Luís: EDUFMA, 2014.

FERREIRA, Maria de Jesus. Impactos ambientais recentes na área da Bacia do rio Santo Antônio, Paço do Lumiar – MA. São Luís, 2003. 43 f. **Monografia** - Curso de Geografia, Universidade Federal do Maranhão, 2003.

GAMA, Fabiene. “A autoetnografia como método criativo: experimentações com a esclerose múltipla”, Anuário Antropológico, v.45 n.2, 2020, 188-208.

GEERTZ, Clifford. [1926]. **A interpretação das culturas**. 1 edição., 13. reimpr. Rio de Janeiro: LTC, 2008. 323p.

GEERTZ, Clifford. **Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura**. In: A Interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

INGOLD, Tim. Chega de etnografia! A educação da atenção como propósito da antropologia. Tradução: Revista Educação. Porto Alegre, v. 39, n. 3, p. 404-411, set.-dez. 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. População. 2019. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ma/sao-jose-de-ribamar.html> Acesso em: 08 de Março de 2020.

LATOUR, Bruno. Reagregando o Social: Uma Introdução à Teoria Ator-Rede. Salvador: EDUFBA, 2015.

LÉVI-STRAUSS, Claude. “Lugar da antropologia nas ciências sociais e problemas colocados por seu ensino”. In: Antropologia estrutural. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003 [1958].

LIMA, Greilson José. Quando o rio é a esperança, performance, invisibilidade e magnitude na experiência do emigrante nordestino - Recife - Pernambuco. 2012. 209 f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade Federal de Pernambuco, 2012.

LUCENA, Maria Joana Silva de . O perfil do administrador no atual contexto da Unidade Integrada “Dunches de Abranches”. **Monografia** (Graduação Pedagogia em Gestão Educacional) Instituto de Ensino Superior Franciscano, 2007. 59 f.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. “A etnografia como prática e experiência”. Horizontes antropológicos. Vol.15, N.32, Porto Alegre, jul./dez. 2009.

_____. “Da periferia ao centro, cá e lá: seguindo trajetos, construindo circuitos”. Anuário Antropológico, n. II: 53-72, 2013.

MALINOWSKI, Bronislaw Kasper. **Argonautas do Pacífico ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos de Nova Guiné Melanésia**. 2.ed. Trad. Anton P. Carr e Lígia Aparecida Cardieri Mendonça. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MARTINS, J. S. **Os camponeses e a política no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1995

MASULLO, Yata Anderson Gonzaga; RANGEL, Maurício Eduardo Salgado. Uso e ocupação do solo e alterações climáticas na Ilha do Maranhão. **Revista Geonorte**, 2012, edição especial 2, v.2, n.5, p.663-674.

MASULLO, Yata Anderson Gonzaga; SANTOS, José de Ribamar Carvalho. Geoprocessamento aplicado a análise do avanço do processo de urbanização e seus impactos ambientais na Ilha do Maranhão. V Congresso Brasileiro de Gestão Ambiental 2014, Belo Horizonte – Minas Gerais.

MOURA, E. G. Agroambientes de transição avaliados numa perspectiva da agricultura familiar. In MOURA, E. G. (org.). **Agroambientes de Transição entre o trópico úmido e o semi-árido do Brasil**. São Luís: UEMA, 2004.

OLIVEN, Ruben George. 1980. “Por uma antropologia em cidades brasileiras”. In: G. Velho (org). O desafio da cidade: novas perspectivas da antropologia brasileira. Rio de Janeiro: Campus. pp. 26-36.

PALMEIRA, Moacir. “Modernização, Estado e questão agrária”. Estudos Avançados, v. 3 (7), Dez 1989.

PAULO, Maria de Assunção Lima de. As construções das identidades de jovens rurais na relação com o meio urbano em um pequeno município. 2010. 259 f. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010.

PEIRANO, Mariza. A favor da etnografia. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

_____. “Etnografia, ou a teoria vivida”. Ponto Urbe, ano 2, versão 2.0, fevereiro de 2008.

RANGEL, M. E. S.; PEREIRA, C.R.P.; SOUZA, U.D,V. Dinâmica socioambiental da área da bacia do Rio Paciência, porção nordeste da Ilha do Maranhão/MA. **Anais XVI Simpósio Brasileiro de Sensoriamento Remoto - SBSR**, Foz do Iguaçu, PR, Brasil, 13 a 18 de abril de 2013, INPE.

REDFIELD. 1947. “The folk society”. American Journal of Sociology, vol. 52, n. 4: 293-308.

SEYFERTH, Giralda. “Campesinato e o Estado no Brasil”. Mana, 17(2), 2011.

SCHNEIDER, Sergio. Teoria social, agricultura familiar e pluriatividade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v.18, n.51, p. 99-121, 2003. Disponível em:<<https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/rztr5GB6thSx7TVPkw4wf7z/?format=pdf&lang=pt>> Acesso em: 27 Jul. 2021.

SCOTT, Parry; CORDEIRO, Rosineide; MENEZES, Marilda (orgs). **Gênero e geração em contextos rurais**. Ilha de Santa Catarina: Editora Mulheres, 2010.

SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais de sociologia: individuo e sociedade**. Tradutor Pedro Caldas. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

VELHO, Gilberto. **Observando o familiar**. In: A busca da realidade objetiva: a versão qualitativa, 1986. p.36-46.

VELHO, Gilberto; SILVA, Luiz Antônio Machado da. 1976. “Organização Social do meio urbano”. Anuário Antropológico, 1(1):71-82.

VELHO, Otávio Guilherme. **Frentes de expansão e estrutura agrária: estudo do processo de penetração numa área da transamazônica**. 3 ed. Manaus: UEA Edições, 2013. 180p.

VERSIANI, Daniela G.C.B. 2005. **Autoetnografias: conceitos alternativos em construção**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2005.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. “O nativo relativo”. Mana, vol.8, N.1, Rio de Janeiro, abril 2002.

WAGNER, Roy. “**Existem grupos sociais nas terras altas da Nova Guiné?**”. Cadernos de Campo, n. 19, 2010a.

_____. **A invenção da cultura**. São Paulo: Cosac Naify, 2010b.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. O campesinato brasileiro: uma história de resistência. **Revista de Economia e Sociologia Rural**. Piracicaba – SP. Vol.52 supl.1, p. S025 – S044, 2014.

WOORTMANN, Ellen; WOORTMANN, Klass. O trabalho da terra: a lógica e a simbólica da lavoura camponesa. Brasília: UNB, 1997.

ANEXOS



Estado do Maranhão
Conselho Municipal de Educação de São José de Ribamar

Resolução nº. 121 /2017 – CME

Dispõe sobre a Renovação de Autorização da **Escola Municipal Dunches de Abranches** e Reconhecimento do Curso de Ensino Fundamental da Educação Básica de Ensino.

O CONSELHO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE SÃO JOSÉ DE RIBAMAR, no uso de suas atribuições legais e,

Considerando os princípios e fins da educação ditados pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional,

Considerando o que determina a Resolução nº. 01/2003 – CME de 06.12.2003.

Considerando o parecer nº. 211 de 18 de setembro de 2017, da Conselheira Carla Veras Bezerra Galvão, aprovado por unanimidade em Sessão Plenária hoje realizada.

RESOLVE:


Art. 1º – Credenciar a Renovação de funcionamento da **Escola Municipal Dunches de Abranches**, hoje pertencente à rede Municipal de ensino, na categoria pública, localizado na Praça Santo Antonio s/nº – Mata, São José de Ribamar, Maranhão, com validade para funcionar somente nesse endereço.

Art. 2º –Autorizar e Reconhecer o Curso de Ensino Fundamental da Educação Básica de Ensino oferecido pela **Escola Municipal Dunches de Abranches**

Parágrafo Único – Aplica-se também o dispositivo da presente resolução, na regularização de vidas escolares de alunos egressos deste estabelecimento de Ensino.

Art. 3º - Esta Resolução entre em vigor na data de sua publicação.

Sala das Sessões do Conselho Municipal de Educação de São José de Ribamar, em 04 de outubro de 2017.


Raimunda Nonata Pinto Vieira Ribeiro
Presidente do CME


Flavya Soraya Mendes Machado dos Santos
Presidente da CEB

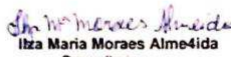

Carla Veras Bezerra Galvão
Conselheira


Leonardo Saraiva de Oliveira
Presidente da CLMB



Sandra Brito Prado
Vice Presidente das Leis


Keila Catarina Lima Gomes
Vice Presidente da CEB


Gusmaia Mousinho Pestana
Conselheira


Iza Maria Moraes Almeida
Conselheira

Sonia Maria Silva Menezes
Conselheira


Ana Maria França Ribeiro Brandão
Conselheira


Rose Clea Silva Serra Montini
Conselheira


Miria Cristina Ferreira Aires
Conselheira


Maria Irene Melo Castelo Branco
Secretária